

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COORDENAÇÃO ESPECIAL DE MUSEOLOGIA
CURSO MUSEOLOGIA

Líbia Palma de Haro

DOCUMENTAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E MEMÓRIA NO ACERVO PESSOAL DE RODRIGO DE HARO

Florianópolis
2025

Líbia Palma de Haro

DOCUMENTAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E MEMÓRIA NO ACERVO PESSOAL DE RODRIGO DE HARO

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharela em Museologia
Orientador: Prof. Renata Cardozo Padilha, Dr.

Florianópolis
2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Haro, Líbia Palma de
Documentação, organização e memória no acervo pessoal de Rodrigo de Haro / Líbia Palma de Haro ; orientadora, Renata Cardozo Padilha, 2025.
81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. acervos pessoais . 3. Rodrigo de Haro. 4. documentação museológica. 5. organização da informação . I. Padilha, Renata Cardozo. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

Líbia Palma de Haro

DOCUMENTAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E MEMÓRIA NO ACERVO PESSOAL DE RODRIGO DE HARO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela em Museologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Museologia.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2025.

_____

Prof.(a) Karine Lima da Costa , Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Coordenadora do Curso de Museologia

_____

Prof.(a) Renata Cardozo Padilha, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Orientadora

_____

Prof.(a) Letícia Borges Nedel, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Banca

_____

Prof.(a) Aline Carmes Krüger, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Banca

Florianópolis, 2025

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender ao longo do curso, em especial à minha orientadora, Renata Cardozo Padilha, que acompanhou grande parte da minha trajetória na Museologia e contribuiu de forma decisiva para este trabalho. Agradeço também à banca avaliadora por aceitar participar desta etapa de encerramento de um ciclo: à professora Letícia Borges Nedel, por quem tenho profunda admiração, e à professora Aline Krüger, que coordena o grupo de pesquisa Arquivos Pessoais e fortaleceu minha motivação para a realização desta pesquisa. Estendo meus agradecimentos à professora Luciana Silveira, pelo acompanhamento na elaboração deste projeto, e à professora Karine Lima da Costa, por presidir minha banca.

Agradeço especialmente Marilene Machado Leal Lourenço e Idésio Leal por permitirem que eu pesquise e continue pesquisando o Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro. E, por fim, registro minha gratidão aos colegas da turma de Museologia e aos colegas do Laboratório Infomus, pois as aprendizagens acontecem no diálogo e no trabalho coletivo.

O ato de arquivar é um “tipo de testemunho.” (MCKEMMISH, 2018)

Sei que todos os desenhos/ Dispersos na mesa/ Forma uma única história/
A minha história (...). (De Haro,1991)

RESUMO

Este trabalho analisa o Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro a partir do conceito de documento como testemunho das atividades e da existência do sujeito, articulando referenciais da Documentação Museológica e da Organização da Informação. A pesquisa combinou estudo bibliográfico, análise documental e a história oral para compreender os contextos de produção e guarda dos objetos que compõem o acervo. A partir da identificação de diferentes níveis de informação: material, cultural e simbólico, foi proposta uma estrutura de organização baseada em princípios da Organização da Informação e da Documentação Museológica, visando favorecer o acesso e a comunicação das informações nele presentes. O estudo demonstra que a integração entre Museologia e Ciência da Informação indica um caminho possível para o tratamento de acervos pessoais.

Palavras-chave: acervos pessoais. Rodrigo de Haro. documentação museológica. organização da informação.

ABSTRACT

This work analyzes Rodrigo de Haro’s personal collection, through the concept of the document as a testimony to the subject's activities and existence, articulating references from Museological Documentation and Information Organization. The research combined bibliographic study, document analysis, and oral research to understand the production and preservation contexts of the objects that compose the collection. Based on the identification of different levels of information — material, cultural, and symbolic — an organizational structure was proposed based on principles of Information Organization and Museological Documentation, aiming to facilitate access and communication of the information contained therein. The study demonstrates that the integration between Museology and Information Science indicates a possible path for the treatment of personal collections.

keywords: personal collections; Rodrigo de Haro; museum documentation; information science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio no Jornal O Estado de Exposição de Arte Moderna e 12 trabalhos de crianças em Belo Horizonte.....42

Figura 2 - Nota no Jornal O Estado de 1958 sobre exposição de Rodrigo de Haro na Faculdade de Direito..... 46

Figura 3 - Matérias sobre a exposição de poemas mural, em 1961..... 47

Figura 4 – Convite para exposição “Pinturas” na Galeria Chica da Silva, RJ..... 49

Figura 5 - Anúncio sobre inauguração da Galeria Nossa Senhora do Desterro,1970... 50

Figura 6 - Matéria Sobre a I Bienal de Florianópolis, 1966..... 50

Figura 7 - Registro da equipe que trabalhou com Rodrigo de Haro na decoração do Teatro Adolpho Mello em São José.....52

Figura 8 - Reportagens sobre a criação da Editora Athanor, jornais A Notícia e Diário Catarinense, 1993..... 54

Figura 9 - Objetos Tridimensionais utilizados em obra para compor narrativas visuais 57

Figura 10 – Folder para a Exposição “Lírico Mitógrafo” de Idésio Leal e textos de Rodrigo de Haro, realizada em 13/05/25.....60

Figura 11 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Manuscritos, cadernos e pequenas anotações.....65

Figura 12 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Montagem com fotografias dos cadernos artesanais de Rodrigo de Haro - Poema Voz, capa, folha de rosto e páginas internas. 2015..... 66

Figura 13 - Coleção 1 Documentos Pessoais- Fotografia de Registro de Exposições.. 67

Figura 14 -Coleção 1 Documentos Pessoais- Fotografias de âmbito privado..... 67

Figura 15 - Coleção 1 Documentos Pessoais- Desenhos em miniatura.....68

Figura 16 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Folders, catálogos e convites de exposições.....69

Figura 17 - Coleção 2 - Documentos Iconográficos com recortes de jornal e

fotografia de Elaine Volter.....70
Figura 18 - Coleção 2 Documentos Iconográficos - com imagens de postais, santinhos de igreja, fotografias das atrizes de cinema e uma representação de santos, (São Sebastião)..... 71
Figura 19 - Coleção 3 - Biblioteca Pessoal - Montagem com fotografia..... 72
Figura 20 - Coleção 4 - Objetos tridimensionais..... 72
Figura 21 - Fundo 5 - Editora Athanor - Livros editados pela Editora Athanor..... 73
Figura 22 - Coleção 6 - Audiovisual - videoteca e obras de arte de Rodrigo e Idésio.. 74
Figura 23 - Coleção 7 - Vestimentas e Acessórios - Roupas, gravatas, ternos..... 75
Figura 24 - Coleção 8 Objetos de Trabalho - Fotografia do Ateliê de Rodrigo de Haro com imagens de seus materiais de trabalho.....76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ARS	Centro Comercial Aderbal Ramos da Silva
BND	Biblioteca Nacional Digital
CI	Ciência da Informação
CIC	Centro Integrado de Cultura
GAPF	Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis
MAM/SP	Museu de Arte Moderna de São Paulo
MAMF	Museu de Arte Moderna de Florianópolis
MASC	Museu de Arte de Santa Catarina
OC	Organização do Conhecimento
SC	Santa Catarina
SDM	Sistema de Documentação Museológica
SIDM	Sistema Informativo Documentário em Museus
SOC	Sistema de Organização do Conhecimento
TESC	Teatro Experimental de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO....12
1.1 Justificativa....16
1.2 Delimitação do problema....17
1.3 Objetivos....20
1.3.1 Objetivo Geral....20
1.3.2 Objetivos Específicos....20
1.4 Procedimentos metodológicos....21
2 O CONCEITO DE DOCUMENTO....23
2.1 O documento para a museologia, história e arquivologia....23
2.2 A informação e a organização do conhecimento....29
2.3 Documentação museológica e acervos pessoais....32
2.4 Diferenças conceituais entre: acervo, coleção e arquivo pessoal....34
3 O ACERVO E SEUS TITULARES....38
3.1 Apresentando Rodrigo de Haro....40
3.2 Rodrigo de Haro e Idésio Leal....51
4 OS DOCUMENTOS E A INFORMAÇÃO NO ACERVO PESSOAL RODRIGO DE HARO....55
4.1 A organização atual do acervo....58
4.2 Proposições de organização do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro....62
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS....79
REFERÊNCIAS....81

1 INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa insere-se na área de Documentação Museológica, estando diretamente relacionada à gestão de acervos, em diálogo com a Ciência da Informação. Nesse sentido, a documentação museológica, pensando com Sampaio e Oliveira (2013), dialoga com a Ciência da Informação, estabelecendo conexões ao propor sistemas de catalogação, indexação, difusão e recuperação da informação.

Ainda conforme as mesmas autoras, a Ciência da Informação constitui-se como um produto da atividade social, construída por pesquisadores, instituições e práticas culturais ao longo das décadas, voltada para a produção de conhecimento acerca da informação. Trata-se de uma área de caráter interdisciplinar, que investiga as propriedades da informação e seus processos, tais como descrição, coleta, transmissão, classificação e indexação, objetivando o acesso. Apoiadas em outros autores como Le Coadic (2004) e Pinheiro (2002) afirmam que o objeto de estudo da Ciência da Informação não é a Biblioteca e o livro ou o museu e o objeto, e sim a informação contida neles.

Aqui aparece implícito outro conceito caro a esta pesquisa: o conceito de documento. Embora o seu significado seja discutido por áreas do conhecimento como a Arquivologia e a História, onde há consenso de que ele é suporte de informação e carrega vestígios do passado. Neste trabalho, interessa-nos compreender as definições dos campos que adotam para o termo "documento", como a História, Arquivologia e Ciência da Informação, visto que cada uma dessas disciplinas o interpreta segundo seus próprios pressupostos teóricos e metodológicos, mas também trazem perspectivas em comum conforme veremos adiante.

A Museologia, considera que os objetos preservados nos museus passam por processos de seleção e, portanto, de ressignificação. Como ciência que tem como foco os objetos e suas relações com o ser humano e a realidade, a Museologia adota como método central o processo de musealização desenvolvido através da chamada “cadeia operatória” da museologia[1], que envolve a transformação do objeto

[1] Maria Cristina Bruno também adota o termo “cadeia operatória” da museologia que transforma o objeto em documento a partir de uma série de ações estruturadas em etapas que vão desde a identificação de um objeto, preservação e a comunicação com os públicos. Configurando três movimentos que se tornam os pilares da museologia: preservação, pesquisa e comunicação. Para conhecer mais sobre o assunto, ler - Museologia: entre abandono e destino de Maria Cristina Bruno, disponível em: Museologia: entre abandono e destino | Museologia & Interdisciplinaridade acessado em: 26/09/2025.

em documento museológico. Já a Ciência da Informação estuda os procedimentos de acesso, armazenamento e organização da informação.

Esses processos não apenas preservam, mas também atribui novos sentidos aos objetos, tornando-os parte de discursos históricos e culturais. A partir da musealização, outras ações museológicas podem ser desenvolvidas, como exposições e atividades de educação museal. A documentação museológica, por sua vez, é um dos principais processos desse campo, pois suas ações se direcionam para a organização e a comunicação da informação dos objetos, junto à sociedade.

No contexto museológico, o objeto, do ponto de vista material, ele pode ser pensado como um suporte de informação e pode ter diferentes naturezas: artística, histórica, antropológica e científica, todas elas carregadas de valores culturais para a sociedade. A intencionalidade dos objetos, sua materialidade e sua origem, entre outras informações, devem ser registradas. No entanto, a documentação museológica não se limita à coleta de dados informacionais sobre os objetos, ela também agrega valores e novos sentidos a eles. O objeto é deslocado de sua realidade ou função original, perdendo sua utilidade e passando a integrar outra realidade, tornando-se um testemunho único e/ou representativo de ações humanas.

Dessa forma, a documentação museológica é cíclica, pois os sentidos, significados e valores culturais dos documentos museológicos se transformam a partir de seus usos, como em pesquisas e exposições e a medida em que a sociedade muda. Esses novos contextos exigem reflexões que precisam ser registradas e documentadas. Assim, a documentação museológica relaciona os dados e informações que os objetos contêm, transforma-os em documentos e continua a acompanhar sua trajetória de vida nas instituições a que pertencem.

Considerando a relevância dos documentos pertencentes ao conjunto de papéis, obras e demais objetos pessoais de Rodrigo de Haro para a compreensão da história da arte catarinense, e para o entendimento da trajetória artística do artista, propõe-se a presente pesquisa acerca de seu Acervo Pessoal.

Textos e objetos foram acumulados e cuidadosamente selecionados ao longo de anos de vida e trajetória artística, e oferecem vestígios únicos de questões de gosto, estética e relações pessoais de Rodrigo de Haro. Desde instrumentos de trabalho, objetos decorativos a manuscritos guardados em seu Acervo Pessoal,

todos revelam fragmentos de seus pensamentos, memórias e processos criativos. Cartas e postais também oferecem um indício das conexões pessoais e profissionais, destacando sua relação com galerias de arte e outras figuras influentes do meio artístico e círculo de amizade.

O acervo está atualmente sob a guarda de Idésio Leal (1963) legatário, em Florianópolis (SC), na casa onde Rodrigo de Haro viveu e apresenta significativa diversidade de tipologias conforme apresentamos: manuscritos, cartas, cadernos, fotografias, filmes, objetos tridimensionais, vestuário, livros e outros suportes. Idésio Leal é artista visual e foi parceiro de Rodrigo de Haro na criação de murais espalhados pelo estado de Santa Catarina. Iniciou-se nas artes por incentivo de Rodrigo, após atuar como seu auxiliar na realização dos murais do Teatro Adolpho Mello, em São José na década de 1980.

1.1 JUSTIFICATIVA

Parte das razões para a realização desta pesquisa são de motivações pessoais, entre elas, a mais evidente são os laços de parentesco e afetividade com Rodrigo de Haro, autor/ex-proprietário deste acervo objeto de estudo. A organização deste acervo é uma maneira de preservar a memória de Rodrigo de Haro, bem como das artes visuais e poéticas de Santa Catarina, ligadas a um grupo de artistas em um espaço e tempo específicos. Além disso, é uma oportunidade de compreender melhor o artista e a pessoa que ele foi permitindo que novos olhares sejam lançados sobre sua obra.

O acesso proporcionado pela gestão desse acervo que guarda tipologias documentais tão distintas permitirá que novas pesquisas sejam conduzidas, aprofundando o estudo sobre a vida e a obra de Rodrigo de Haro e o contexto artístico e intelectual em que ele estava inserido, cujas influências ultrapassa os limites do Estado de Santa Catarina. A preservação e o estudo deste acervo podem desempenhar um papel importante para a reflexão sobre a memória e a identidade cultural da região, promovendo discussões sobre como a obra de Rodrigo de Haro dialoga com o contexto sociocultural de seu tempo e como ela pode ser reinterpretada nos dias de hoje.

Com o falecimento de Rodrigo de Haro em 3 de julho de 2021, seu acervo ainda não recebeu um tratamento técnico adequado, tendo passado apenas por

algumas interferências realizadas por seu atual detentor, Idésio Leal, e por sua esposa, Marilene Leal Lourenço. Muito já se escreveu sobre o artista, especialmente em pesquisas voltadas à análise de sua produção artística, de seus temas prediletos, como: Santa Catarina, a figura feminina e a poesia. No entanto, até o momento, nenhuma investigação se dedicou ao estudo de seu Acervo Pessoal.

À vista disso, esta pesquisa insere-se no campo de intersecção entre a Museologia e a Ciência da Informação, tendo como eixo de conexão a Documentação Museológica, compreendida como a área responsável pela organização da informação e pela produção de conhecimento acerca dos objetos no âmbito museal. Com isso, busca-se contribuir academicamente para o diálogo entre essas áreas no que concerne à organização de acervos.

1.2 Delimitação do problema

Araújo (2011) discute as relações institucionais e teóricas entre três áreas diretamente vinculadas à organização da informação: Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, a partir de dois critérios: a legitimação institucional e as relações teóricas. O autor enfatiza a natureza interdisciplinar dessas áreas em articulação com a Ciência da Informação (CI), entendendo o conceito de informação como um elemento agregador de conhecimento.

A CI tem suas origens em iniciativas de cientistas ingleses e norte-americanos preocupados em buscar, disseminar e organizar informações científicas para subsidiar as pesquisas de seus pares. Araújo apresenta as origens históricas de cada campo, apontando suas relações e pontos em comum. Nesse percurso, destaca a Ciência da Documentação de Paul Otlet, cujo cerne é o conceito de Documento, entendido de forma ampliada, abarcando múltiplos tipos de suportes para além do livro e enquanto campo científico reconhecido como precursor da Ciência da Informação, especialmente por sua vinculação aos processos de informação científica. Nesse sentido,

> [...] em termos epistemológicos, porque a ideia de ser uma ciência da informação científica desde cedo direcionou a CI para o estudo dos diferentes processos (de busca de informação, de transferência de informação, entre outros), envolvendo as mais diferentes instituições (universidades, centros de pesquisa, bibliotecas, arquivos, museus) e relacionados com os mais diversos tipos de informação [...] (Araújo, 2011, p. 114).

Ao apresentar as relações entre CI e Arquivologia, o autor ressalta que o encontro entre esses campos possibilitou o desenvolvimento teórico da Arquivologia e, para a CI, representou o acúmulo de técnicas, conceitos e perspectivas sobre o documento arquivístico, além de incorporar noções de patrimônio, memória e historicidade dos registros humanos (Araújo, 2011).

Em relação a outra área, a Museologia, há uma característica compartilhada com a CI é a interdisciplinaridade, expressa na vinculação de seu desenvolvimento teórico a áreas como artes, história e antropologia. O autor, porém, critica esse traço, argumentando que ele provoca um "[...] esvaziamento da Museologia como campo de conhecimento específico: por detrás dos conhecimentos produzidos está sempre um 'outro' [...]" (Araújo, 2011, p. 119). O autor reconhece uma mútua contribuição a ambas as áreas em relações suas relações com a informação, como vemos:

> Espera-se com isso repetir, mais uma vez, o modelo de um **duplo enriquecimento:** a CI fornecendo uma e**strutura unificadora, científica**, de questões propriamente museológicas independente do conteúdo ou assunto do museu em questão; e a Museologia fornecendo mais um **campo de aplicação,** um espaço de circulação de informação e produção de conhecimento a ser estudado e problematizado. (Araújo, 2011, p. 121, grifo nosso)

A CI com sua postura integradora e dialógica capaz de produzir e articular conhecimentos sobre a informação e seus tratamentos a partir de diferentes disciplinas acadêmicas, como a Documentação Museológica e Organização da Informação que compartilham o conceito de Informação como algo "expresso por meio da linguagem natural ou outro sistema de signos percebidos pelos órgãos e sentidos." e exerce uma função social por meio material. (Brascher; Café, 2008, p. 4).

Considerando ser este um vasto e diversificado conjunto documental, esta pesquisa se debruçou sobre o Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro orientando-se pelo conceito de Documento como tudo aquilo que é passível de guarda e representa a ação humana de indivíduos e grupos. Portanto é testemunho de um tempo, lugar e sociedade, mas sobretudo seu sentido é construído a partir da relação que construímos com ele, por meio da interrogação e processos de musealização: coisa – objeto – documento, pelo deslocamento de uma realidade a outra. Neste acervo existem muitos objetos que são testemunhos da existência de

Rodrigo. Desta forma, buscamos propor a organização do acervo, e, possibilitar o acesso à informação objetivando a sua comunicação para o futuro.

Sendo assim, propomos a seguinte questão: como o conceito de documento pode orientar a análise e a organização do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro, considerando a Documentação Museológica e a Organização do Conhecimento?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Propor a organização do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro pela perspectiva da Documentação Museológica e da Organização da Informação, visando o acesso das informações.

1.3.2 Objetivos Específicos

● Apresentar as trajetórias artístico-profissionais de Rodrigo de Haro, criador e acumulador do acervo;

● Analisar os critérios de organização atualmente empregados no acervo;

● Identificar as tipologias documentais considerando os níveis de informação;

1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa articulou procedimentos de investigação documental, pesquisa bibliográfica e conversas com os atuais detentores do acervo Marilene Machado Leal Lourenço e Idésio Leal. Com isso, visamos obter informações sobre a formação, a guarda e o uso dos documentos. Inicialmente, realizou-se um levantamento em fontes históricas (periódicos, cronologias de trabalho), documentos do próprio acervo e trabalhos acadêmicos sobre Rodrigo de Haro, com o objetivo de contextualizar o acervo e compreender sua trajetória artístico-profissional.

A pesquisa bibliográfica constitui etapa essencial para a construção do referencial teórico-conceitual. Foram discutidos os conceitos que sustentam a proposta de organização do acervo, especialmente a noção de documento enquanto construção social, suporte de informação e testemunho das atividades e da existência do sujeito. Para essa discussão, mobilizaram-se as contribuições de Mário Chagas (1994), Jacques Le Goff (1984) e Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1998), com ênfase na relação entre documento, memória e produção social de significados.

O conceito de informação e suas relações com o conhecimento foi tratado à luz da Ciência da Informação, com base em autores como Capurro e Hjørland (2007) e Brascher e Café (2008), que problematizam a pluralidade conceitual e ressaltam a importância dos processos de organização da informação.

Conforme Brascher e Café (2008, p.4) o tratamento da informação e o conceito de informação, neste sentido, estão ligados ao desejo de responder problemas, onde a cognição e a avaliação dos receptores determinam a qualidade dos processos informativos. Sendo a Organização da Informação[2], um processo que se desenvolve por meio da descrição física e de conteúdos de objetos informacionais de acervos tradicionais ou eletrônicos. (Café; Sales, 2010, p. 118) Portanto, ela é fundamental para tornar os objetos informacionais compreensíveis e acessíveis, por meio de processos como: Seleção, Classificação, Catalogação, Indexação e Descrição. Segundo Café e Sales (2010), organizar possibilita a compreensão e a recuperação de informações registradas em diferentes suportes, resultando na representação da informação. Nesse sentido, a (OI) exerce um papel mediador entre produção e uso da informação, sendo central no tratamento de acervos pessoais. Articulada à Documentação Museológica, contribui para a preservação, a comunicação e a transformação desses conjuntos documentais em fontes de informação.

Além disso, a reflexão metodológica abrange a Documentação Museológica, articulando as contribuições de Loureiro e Loureiro (2013), Bottallo (2010) e

[2]Considerando a característica de plurissignificação do termo informação e com base em Café e Brascher (2008), a partir de Fernández-Molina, que compreendem a informação como aquilo que produz uma modificação na estrutura do conhecimento do receptor, formando um novo conhecimento, bem como em Capurro e Hjørland (2007) em diálogo com Buckland, que entendem a informação como conhecimento enquanto algo apreendido pelo sujeito e também como processo, enquanto ato de informar. Neste trabalho, adotamos o termo Organização da Informação por entender que a informação está intrinsecamente envolvida na construção do conhecimento e nos processos de acesso à informação.

Cerávolo e Tálamo (2000). Esses autores compreendem o objeto musealizado como documento e destacam a documentação como instrumento de preservação, comunicação e produção de conhecimento. Especial atenção foi dada à proposta de Cerávolo e Tálamo (2000), e Ferrez (1994) que aproxima a Documentação Museológica da Ciência da Informação ao propor um sistema que considera tanto as características físicas quanto as semânticas dos objetos para sua organização.

A documentação Museológica é o processo de reunir informações por meio da linguagem e da imagem (fotografia) ao mesmo tempo que é um sistema de recuperação e controle da informação, capaz de transformar as coleções em instrumentos de transmissão de conhecimento. (Cerávolo e Tálamo, 2000; Ferrez, 1994).

No tocante ao objeto central da pesquisa, foram conduzidos procedimentos de análise, registro fotográfico e organização preliminar do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro, com o intuito de identificar a diversidade tipológica dos objetos e os diferentes suportes de informação que o compõem. A partir desses dados, elaborou-se uma proposta de organização fundamentada nos referenciais da Documentação Museológica e da Organização da Informação.

2 CONCEITO DE DOCUMENTO: SEGUNDO A MUSEOLOGIA, HISTÓRIA E ARQUIVOLOGIA

Neste capítulo, apresentamos o arcabouço teórico-conceitual que orienta esta pesquisa. Para isso, discutimos os conceitos fundamentais para a proposta de organização do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro, partindo da noção de documento, das áreas de intersecção envolvidas neste estudo e de seus respectivos objetos de pesquisa, com a intenção de construir o referencial teórico. Nesse percurso, iniciamos com os autores da Museologia, em seguida abordamos aqueles vinculados à Ciência da Informação, História e Arquivologia. Trazemos estas três áreas, pois apresentam uma proximidade conceitual, sobretudo no que se refere à compreensão do documento como informação ou como suporte de informação, demonstrando preocupações semelhantes quanto ao seu tratamento e análise.

O conceito de documento é estudado sob diferentes perspectivas em diversas áreas do conhecimento. Deste modo, iniciaremos pela Museologia, com o autor Mário Chagas (1994), em seu texto *"Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação"*, discute as relações teóricas entre arquivologia, biblioteconomia e museologia. Partindo da noção de tempo como fator essencial na relação com a história, a memória e a documentação, ele examina a interação entre sujeito (públicos, pesquisadores, sociedade), documento (objetos, livros, manuscritos, coleções, documentos institucionais) e espaço (museus, arquivos, bibliotecas e outros ambientes).

O autor, partindo do conceito de documento, critica a visão tradicional que separa essas três áreas, argumentando que livros, manuscritos e objetos tridimensionais carregam conhecimento e, portanto, os objetos não podem ser excluídos do campo da documentação. Nas palavras de Chagas

> Essa distinção, equivocada em minha opinião, reflete o posicionamento ideológico que identifica o universo do conhecimento e do saber com o universo da escrita, como se os objetos não fizessem parte do universo do conhecimento; como se não fosse possível trabalhar as informações de que os objetos são suportes. (Chagas, 1994, p.33, grifo nosso)

Chagas (1994) defende que Arquivologia e Museologia compartilham uma base teórica comum e que devem ser vistas como campos interconectados, lembra que estas áreas lidam com preservação, comunicação e pesquisa. Ele propõe uma

abordagem mais integrada, na qual a Arquivologia e a Museologia sejam compreendidas como partes de um mesmo campo teórico. O autor destaca que essas áreas não são “disciplinas puras”, mas campos interdisciplinares que se enriquecem por meio do diálogo com outras ciências. O autor argumenta que Arquivologia e Museologia já compartilham um campo conceitual comum, fundamentado na relação: sujeito – documento – espaço.

O museólogo M. Chagas (1994) contrapõe-se à ideia de que apenas os documentos escritos são detentores de conhecimento, criticando a tradição que supervaloriza a escrita em detrimento da materialidade dos objetos como fonte de saber e cultura. O autor ainda lembra o leitor do sentido etimológico de *documento* como *docere*, isto é, “aquilo que ensina”.

Para o autor, o documento não nasce documento, mas se torna um quando recebe um olhar interrogativo[3] e conclui que um documento é um suporte de informação cuja preservação só tem sentido quando é acompanhada de questionamento e interpretação. O autor entende a preservação como um ato de resistência contra a destruição e conclui que a preservação só tem sentido quando acompanhada da comunicação e da documentação. E que estas áreas estão ligadas à investigação, pois é através da pesquisa que novos documentos podem ser reconhecidos e estudados e acrescentamos, devolvidos à sociedade para que se construam novos significados.

Outro autor que discute o termo Documento, é o museólogo e historiador Ulpiano T. Bezerra de Meneses (1998) no texto "Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público", neste texto ele traz a diferença entre "objeto histórico" e "documento histórico" os termos são apresentados de forma comparativa. Sendo assim, ele apresenta o Documento histórico como o suporte físico de informação histórica. Pode ser qualquer objeto que funcione como registro de informação, mesmo que não tenha sido originalmente projetado para isso. Qualquer objeto pode ser considerado um documento histórico, desde que forneça informações sobre seu contexto, como matéria-prima, técnicas de fabricação, e condições sociais de produção.

Ulpiano (1998) acrescenta à discussão algo importante, a questão dos objetos no âmbito privado e pessoal na passagem para o público. É fundamental compreender os objetos dentro de seu contexto de interação social, analisando as

formas como são apropriados pelas sociedades e indivíduos. No entanto, a biografia dos objetos também introduz um novo problema, segundo o autor que é a biografia das pessoas refletida nesses objetos. Eles são instâncias concretas de eventos passados, funcionando como suportes materiais da memória individual e coletiva. E é deste modo, que pensamos os objetos contidos no Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro.

Segundo Meneses (1998), o documento histórico tem uma função cognitiva, servindo como uma fonte de informações que podem ser analisadas e interpretadas, sendo utilizado para a produção de conhecimento histórico quando inquiridos no presente.

Esta noção de documento histórico com função cognitiva, como fonte de informação e base para a construção do conhecimento histórico, dialoga com Le Goff (1984), que nos estimula a refletir sobre os silêncios e os mecanismos de produção, seleção e preservação documental, entendendo-os como montagens construídas pelos indivíduos e atravessadas por relações de poder e de memória. E também dialoga com Chagas (1994), ao afirmar que o documento só adquire sentido quando se cruza com o olhar interrogativo do pesquisador, sendo igualmente compreendido como um suporte de informação cuja preservação só tem valor quando acompanhada de questionamento e interpretação.

Com o alargamento do conceito de documento, desde o início do século XX, proposto por pesquisadores da Escola dos Annales. Este conceito passou a ser compreendido como tudo aquilo que foi produzido pelo ser humano ou que constitui vestígio de sua existência.

Essa ampliação conceitual do termo alcançou também o campo da Ciência da Informação, no qual se formaram duas correntes principais: uma que restringia o documento ao registro gráfico ou textual e outra, representada por Paul Otlet e Suzanne Briet, que ressalta sua função informativa e documental. A partir dessa segunda perspectiva, o documento passa a ser entendido como um objeto concreto, meio de comunicação e suporte físico da informação (Loureiro e Loureiro, 2013).

Segundo os mesmos autores, para Paul Otlet a noção de documento abrange tudo aquilo que era passível de guarda e preservação, por representar uma ação humana. Suzanne Briet complementa essa ideia ao afirmar que documento é “todo índice concreto ou simbólico, conservado ou registrado com os fins de representar, reconstruir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (Loureiro e Loureiro, 2013,

p. 3, apud Briet s/d). Outro pesquisador relevante nessa discussão, Jean Meyriat, definiu o documento como um objeto que dá suporte à informação e serve para comunicá-la, compreendendo-o em dois níveis: o material e o informacional. Desse modo, como destacam os autores,

> [...] a invenção do documento permitiria ao ser humano reproduzir fragmentos da realidade e, por meio de sua permanência além do espaço e do tempo, voltar a utilizá-los como fonte de informação para a obtenção de novos conhecimentos (Loureiro e Loureiro, 2013, p. 5).

Le Goff (1984) ao discutir o conceito de documento, reforça a necessidade de considerar não apenas o que está registrado, mas também o que foi silenciado, questionando os mecanismos de produção e preservação documental. Assim, eles se assemelham a monumentos, pois são produzidos para transmitir determinadas narrativas, reforçar valores e até mesmo consolidar poderes. Conforme Le Goff:

> [...] O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. [...] O documento é monumento. Resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. [...] (Le Goff, 1984, P.103)

Para Le Goff (1984) todo documento é um monumento, pois é resultado de uma construção social específica em determinado contexto social, político e ideológico. Assim, o documento/monumento não são apenas registros do passado, mas construções, montagens produzidas por sociedades, indivíduos e instituições que refletem relações de poder e disputas pela memória observadas nos processos de seleção. As palavras de Le Goff (1984) sobre a definição de documento/monumento:

> [...] O documento [monumento] não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as suas relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto documento permite a memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1984, p. 102)

Na arquivologia, um documento é considerado qualquer registro, independente do suporte, criado ou recebido por uma organização pública ou privada ou pessoa em cumprimento de obrigações legais ou na condução de

negócios. Os documentos são evidências documentais destas atividades e incluem documentos textuais, registros audiovisuais, digitais, entre outros, preservados para fins legais, administrativos ou históricos. “[...] O documento arquivístico nasce como resultado do cumprimento de uma atividade e é mantido como prova dela” (Souza, 2008, p. 114, apud Moraes et al., 2016, p. 673).

Vários autores[4] são mobilizados para conceituar o documento arquivístico. Segundo Souza (2008), o documento arquivístico é definido por sua organicidade e inter-relação com outros documentos dentro do conjunto documental. Já Rondinelli (2013) diferencia "documento arquivístico" de "documento de arquivo", argumentando que o primeiro destaca sua função arquivística, enquanto o segundo enfatiza apenas sua localização.

Heredia Herrera (1991) reforça que documentos arquivísticos incluem registros administrativos e jurídicos, devendo ser distinguidos de outros documentos pelo seu caráter probatório e sua relação com a atividade que os originou. Camargo (2009) também enfatiza que a função do documento arquivístico está na sua conexão com as atividades do produtor, sendo um testemunho duradouro de suas ações.

Tanto Rondinelli (2002, 2013) quanto Camargo (2009) reforçam a ideia de que documentos arquivísticos são produtos sociais. Ou seja, eles são gerados a partir das atividades de pessoas físicas e jurídicas e devem permanecer organizados respeitando o princípio da proveniência.

O estudo evidencia a fluidez do conceito de documento arquivístico, mostrando que registros inicialmente pessoais podem adquirir caráter oficial ao serem incorporados a acervos institucionais. Os autores analisados convergem na definição do documento arquivístico como um registro gerado no curso das atividades de seu produtor, possuindo valor probatório e mantendo relações orgânicas dentro do arquivo.

Encerrando esta seção trazemos nosso entendimento do termo documento, o sentido dele, nasce do olhar interrogativo do pesquisador no presente e, portanto, de uma relação mediada entre espaço, sujeito e objeto. Ele constitui um suporte que carrega múltiplas camadas de informação: físicas, simbólicas e históricas. A preservação documental envolve processos de comunicação e documentação, atravessando dimensões simbólicas, materiais e de produção de sentidos. Cada documento é fruto de uma época, e configura-se como uma construção produzida

por indivíduos e coletividades, grupos, instituições e marcado por processos de seleção que refletem relações de poder e de memória.

Os vazios e silêncios, igualmente, participam da construção de narrativas e significados, desta forma, ressaltamos que o documento é, suporte e registro de informação, ainda que não tenha sido criado com esse propósito, pois ao revelar aspectos de seu contexto, de sua matéria-prima, das condições de produção, ideias expressas pelos seus autores, ele ainda é passível de interpretação e análise pelo pesquisador.

2.1 A INFORMAÇÃO E A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Para as autoras Café; Brascher (2008), os termos Organização do Conhecimento e Organização da Informação têm sido utilizados com pouca clareza, e até mesmo como sinônimos. Deste modo, elas propõem uma discussão conceitual sobre a organização da informação e do conhecimento e outros conceitos vinculados como a representação a partir de Fogl.

> A partir do conceito de Fogl (1979) sobre informação e conhecimento, apresenta-se neste trabalho uma proposta conceitual preliminar para as áreas de organização da informação (OI), organização do conhecimento (OC), representação da informação (RI) e representação do conhecimento (RC). Essa proposta apoia-se no pressuposto de que a informação e conhecimento são conceitos distintos e, portanto, OI e OC e RI e RC também o são. (Café; Brascher, 2008, P.02)

Conforme as autoras (Café; Brascher, 2008), que propõem para se ter **“**o entendimento dos termos informação e conhecimento é necessário: a) relacionar seus conceitos as funções que damos a eles nos contextos em que se inserem. b) diferenciá-los de conceitos próximos a eles incluídos no sistema referencial” (Café; Brascher, 2008, P.03). Nesse sentido, as autoras trazem Fernandez-Molina (1994), com suas contribuições sobre as diferenciações sobre

> [...] dados, informação e conhecimento: os dados são informação potencial, que somente são percebidos por um receptor se forem convertidos em informação e esta passa a converter-se em conhecimento no momento em que produz uma modificação na estrutura do conhecimento do receptor (Fernandez-Molina, 1994, P. 328 apud Café; Brascher, 2008, P.03) (grifo nosso)

Sendo assim, o conhecimento, segundo os autores citados, é o processamento de informações pelo indivíduo, algo que modifica estruturas, gerando novos conhecimentos sobre determinado assunto.

Os autores Capurro e Hjørland (2007), ao longo da sua revisão de literatura sobre informação, destacam, a proposta de Buckland (1991), que distingue três dimensões da informação: informação como coisa (objetos, documentos, registros), informação como conhecimento (algo apreendido pelo sujeito) e informação como processo (o ato de informar sobre algo). Segundo os mesmos autores, a Ciência da Informação considera a informação como uma força constitutiva da sociedade (Capurro e Hjørland, 2007, p. 151).

Além disso, observam que o termo também é empregado para definir outro conceito, a comunicação do conhecimento, já que a informação está diretamente relacionada à ideia de transformação e processamento do conhecimento, envolvendo seleção e interpretação dentro de um contexto social, cultural, histórico e científico. Desse modo, a informação transforma estruturas de conhecimento e está vinculada ao desejo de responder a questões e problemas da realidade. Além disso, sua qualidade está relacionada aos processos cognitivos e aos critérios de avaliação do receptor (Brascher e Café, 2008, p. 4).

Quando refletimos sobre o que é informação, reconhecemos que ela se manifesta nos documentos, entendidos como suportes informacionais. Nesse percurso de reflexão sobre o conceito de informação, recorre-se ao texto de Capurro e Hjørland (2007), que discorre sobre o conceito de informação a partir de uma abordagem etimológica, histórica e dos usos do termo tanto na Ciência da Informação quanto em outras áreas do conhecimento. Os autores mostram como o conceito de informação tem origem em outras ciências colocando em questão os processos de informação em meios não-humanos como físico e biológico; quanto humanos como nos processos psíquicos e sociológicos, em cada meio com seus procedimentos de seleção e interpretação.

Os autores não propõem um conceito fechado, mas ressaltam justamente a característica de plurissignificação do termo. Como afirmam, “por um lado, a informação não é um conceito absoluto, porque podemos adquirir graus variáveis de informação sobre uma fonte” (Capurro e Hjørland, 1996, p. 170). Desde sua origem latina, *informatio* significava “dar forma a algo” ou “dar a conhecer”, no sentido de comunicar. Assim, o conceito deve ser compreendido conforme o referencial e

contexto em que circula. Os autores também chamam atenção para a necessidade de observar como o termo é utilizado em relação a outros, como no caso da expressão “sistemas de informação” (Capurro e Hjørland, 2007, p. 151).

No entanto, para que a informação seja acessada, é necessário que passe por processos de organização que a tornem compreensível. Esses processos envolvem seleção, classificação e descrição, com o objetivo de possibilitar a recuperação, preservação e mediação das informações físicas e semânticas dos objetos.

O ato de organizar é, ao mesmo tempo, uma habilidade e uma necessidade humana, fundamental para compreender melhor as coisas e facilitar o acesso a elas (Café; Sales, 2010).

Organizar, portanto, é uma forma de compreender o mundo e os elementos que nos cercam. Segundo Café e Sales (2010, p. 118), “A organização da informação é um processo de arranjo de acervos tradicionais ou eletrônicos por meio da descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais”. Sendo seu produto a Representação da Informação, um conjunto de elementos descritivos que representam atributos físicos e de conteúdo dos objetos. Esta representação por sua vez se dá pelo processo de catalogação, classificação, indexação e resumo descritas através de linguagem específicas (Café; Sales, 2010).

Dessa forma, compreendemos que a informação, como um conceito em aberto que adquire sentido apenas quando contextualizada nos processos de produção, organização e uso em direção da construção do conhecimento. As reflexões de Capurro e Hjørland (2007), Café e Brascher (2008) e Café e Sales (2010) evidenciam que a informação não é um conceito estático, mas um fenômeno dinâmico e social que se manifesta na relação entre sujeito, objeto e contexto.

Nesse sentido, a organização da informação torna-se importante no âmbito dos acervos pessoais, pois é por meio de processos de seleção, classificação e descrição que esses conjuntos documentais se tornam compreensíveis e acessíveis, permitindo a preservação e a comunicação. Assim, o tratamento de acervos pessoais, partindo da inter-relação da Documentação Museológica e Organização da informação assegura a transformação de documentos em fontes de conhecimento, e reafirmando o caráter mediador da organização da informação.

Deste modo, o conceito de informação para a Ciência da Informação envolve o armazenamento e a transmissão levando em conta as possibilidades de análise e recuperação da informação por conta de suas características semânticas (conteúdo), pragmáticas (realidade e contexto) e materiais (suporte). deste modo, podemos afirmar que a

> Ciência da Informação é a ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento da informação para um máximo de acessibilidade e uso da informação. O processo inclui a organização disseminação, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação e uso da informação (Shera; Cleveland, Robredo, 2003, P. 55 apud Café e Brascher, 2008, p. 32).

Dessa forma, compreendemos que a informação, como um conceito em aberto que adquire sentido apenas quando contextualizada nos processos de produção, organização e uso em direção da construção do conhecimento. As reflexões de Capurro e Hjørland (2007), Café e Brascher (2008) e Café e Sales (2010) evidenciam que a informação não é um conceito estático, mas um fenômeno dinâmico e social que se manifesta na relação entre sujeito, objeto e contexto. Nesse sentido, a organização da informação torna-se importante no âmbito dos acervos pessoais, pois é por meio de processos de seleção, classificação e descrição que esses conjuntos documentais se tornam compreensíveis e acessíveis, permitindo a preservação e a comunicação. Assim, o tratamento de acervos pessoais, partindo da inter-relação da Documentação Museológica e Organização da informação assegura a transformação de documentos em fontes de conhecimento, e reafirmando o caráter mediador da organização da informação.

2.2 Documentação museológica e acervos pessoais

A gestão de acervos, segundo Ladkin (2004), envolve práticas éticas, técnicas e legais para a formação, organização, interpretação e preservação de coleções, com foco na segurança e preservação física de longo prazo. Esses processos integram o registro, a preservação e o acesso controlado. Roberts (2004) salienta a importância de uma Documentação Museológica precisa para gestão, pesquisa e serviços em acervos, abordando processos como aquisição, controle de inventário e catalogação. Processamentos importantes para o desenvolvimento

desta pesquisa, principalmente os processos de organização que visam o controle de acesso e preservação física.

Segundo Padilha (2014), a documentação museológica pode ser abordada de duas formas: a documentação do objeto (reúne todos os dados e informações extraídas do objeto adquirido pela instituição) e a documentação da administração museal (toda documentação produzida pela instituição). Segundo a autora, o objetivo maior da documentação museológica é disponibilizar as informações aos públicos: pesquisadores, funcionários, e outras pessoas interessadas ao acesso de informações dentro dos museus.

Deste modo, vemos a documentação museológica articulada a gestão de acervos e ao processo de musealização, compreendendo-a como um conjunto de procedimentos (aquisição, seleção, pesquisa, interpretação, organização, armazenamento e difusão)[3] que sustentam a relação entre homem, objeto e meio, relação que constitui o próprio objeto de estudo da Museologia. O resultado desses processos é a transformação do objeto ou coisa, que perde sua função original e passa a constituir-se como documento museológico, a partir de procedimentos técnicos e análises simbólicas que fazem com que o objeto assuma dimensões informacionais e culturais, a partir de suas características físicas.

Em Bottallo (2010), a documentação é compreendida como processo de registro, análise e representação do objeto e de seus contextos, essencial para a preservação da memória. Destaca-se a importância da normalização dos registros e da integração entre as áreas de conservação e documentação, visando uma gestão de acervos eficiente e sustentável. A autora considera a documentação como eixo que garante a preservação e o acesso à informação sobre o objeto musealizado.

A documentação é apresentada, assim, como um instrumento científico e social essencial à democratização do acesso à memória, à informação e à cultura. Nessa perspectiva, entende-se a documentação como um ato de seleção, classificação, ordenação e preservação tanto física quanto simbólica que viabiliza a permanência e a comunicabilidade dos objetos e seus significados (Loureiro e Loureiro, 2013). O objeto, ao passar pelo processo de musealização, adquire uma

[3]Renata C. Padilha (2014, p. 36/37) destaca os objetivos desse sistema de documentação museológica que é de potencializar o acesso e os usos dos objetos nos acervos e sua função de constituir uma conexão entre as informações, os objetos e os distintos públicos Além dos elementos ou etapas que o constituem o sistema já citados no texto anteriormente.

nova função: a de gerar conhecimento. No âmbito da Museologia, passa a assumir o status de objeto museológico ou documento.

As autoras Cerávolo e Tálamo (2000) propõem a distinção entre o tratamento do suporte (o objeto físico) e o tratamento da informação (seu conteúdo simbólico e contextual). Criticam a visão tecnicista da documentação museológica, que a reduz a um conjunto de procedimentos administrativos como inventário, catalogação e numeração voltados apenas à gestão material dos objetos e coleções. Essa perspectiva tecnicista é identificada pelas autoras como o Sistema de Documentação Museológica (SDM).

> Donde a necessidade de se distinguir SDMs e SIDMs. O primeiro responde apenas pelo trajeto do objeto, no interior do sistema; o segundo, procedendo por métodos lógico-linguísticos, produz e organiza informação. (Cerávolo; Tálamo, 2000, p. 250)

Diante disso, as autoras sugerem um novo modelo, o Sistema Informativo Documentário em Museus (SIDM), que incorpora princípios da Ciência da Informação. Esse sistema propicia a representação semântica dos objetos por meio da elaboração de linguagens documentárias, ou seja, linguagens controladas que permitem uma recuperação mais precisa e eficiente da informação (Cerávolo; Tálamo, 2000, p. 250).

É nessa direção que se orienta também o trabalho com o acervo de Rodrigo de Haro, ao propor formas de organização que permitam transformar os documentos desse conjunto em informação representada e estruturada, de modo a favorecer sua preservação e comunicação.

2.3 Diferenças conceituais entre: acervo e arquivo pessoal

Esse acúmulo documental organizado, foi possivelmente percebido por Rodrigo de Haro como um conjunto de documentos capazes de preservar vestígios de sua trajetória pessoal e de fornecer informações sobre ele e dos contextos socioculturais nos quais esteve inserido. No entanto, não é possível afirmar com precisão se ele compreendia como Documento toda a sua produção visual. Tampouco o conjunto de seus registros pessoais, como anotações, diários, correspondências recebidas e correspondências escritas e nunca enviadas. Não é

possível determinar, até o momento, sem antes analisar os documentos que confirmem essa ideia.

Para Camargo (2009), o que caracteriza um documento de arquivo é a função que exerceu no processo de desenvolvimento de atividades de uma instituição ou pessoa, portanto, tem caráter probatório, até mesmo depois da morte da pessoa ou extinção de uma instituição pública ou privada. A autora segue dizendo:

> (...) os documentos de arquivo são a materialização ou corporificação dos fatos; os documentos de arquivo são os próprios fatos; o arquivo é a representação persistente de funções, processos, incidentes, eventos e atividades. (Camargo, 2009, P.28)

Deste modo, em determinados momentos, concebemos esse conjunto como um Arquivo Pessoal, em razão da influência do conceito de documento como prova da existência e da comprovação das funções exercidas por entidades ou pessoas, como analisa Mckemmish em “Provas de mim..., já que nossa atenção se voltava à parte do acervo composta por papéis diretamente relacionados à trajetória artística profissional de Rodrigo de Haro. A autora direciona-se aos arquivistas e aconselha que

> Os arquivistas podem analisar o que acontece no arquivamento pessoal do mesmo modo como analisam o arquivamento corporativo. Assim como identificam atividades e funções corporativas importantes, e especificam os documentos mantidos como provas dessas atividades, da mesma forma eles podem analisar papéis socialmente atribuídos e atividades correlatas e concluir quais documentos os indivíduos guardam como provas desses papéis e atividades – ‘provas de mim’ [...].” (Mckemmish, 2018, p. 241) (grifo nosso)

Já a definição do termo Arquivo encontrada no Glossário Básico de Arquivologia (2013): o termo arquivo quer dizer “1. Conjunto de documentos independente da natureza dos suportes, acumulados por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, no desempenho de suas atividades. (...)” (GLOSSÁRIO BÁSICO DE ARQUIVOLOGIA, 2013, P.05, grifo nosso).[5] Nesta definição o termo *Arquivo* está associado *a* noção de acúmulo ou conjunto de documentos de naturezas diversas, produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas no exercício de suas atividades. Ainda é sugerido que esses documentos devem permanecer sob a custódia da entidade ou do indivíduo que os produziu, dessa forma, para preservar a função probatória e informacional destes documentos.

Associamos dessa forma os documentos de papel acumulados por Rodrigo como provas das atividades exercidas por ele no âmbito profissional artístico. Logo, entendemos que o Acervo Pessoal é o testemunho da existência da pessoa, ele é o conjunto de registros das relações sociais, e instrumento de construção de memória do titular. Se pensarmos com Mckemmish (2018) o arquivo pessoal é um ato social de documentar-se. “No plano pessoal, é um modo de evidenciar e memorar nossas vidas - nossa existência, nossas atividades e experiências, nossas relações com os outros, nossa identidade, nosso “lugar” no mundo.” (Mckemmish, 2018, P. 239).

O autor João Paulo Borges da Silveira ao analisar o Arquivo Pessoal de Coriolano Benício, propõe uma reflexão sobre os arquivos pessoais e a memória social, estabelecendo uma aproximação com o patrimônio cultural relacionado a uma determinada região. Nesse sentido, apresenta uma definição desse tipo de conjunto documental que representa adequadamente o Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro; a seguir, expõe-se tal definição.

> Os arquivos pessoais são produzidos por um indivíduo como produto de suas atividades pessoais, profissionais ou ainda pelo ato de colecionar materiais de sua preferência, estando ou não ligados diretamente à figura de seu titular, podendo reunir documentos em papel e/ou objetos variados. Diferenciam-se dos arquivos públicos, que são relacionados à rotina administrativa e jurídica de uma instituição, e, também, dos arquivos familiares, que nos remetem a arquivos formados por mais de uma pessoa, por vezes, repassados e organizados por mais de uma geração. Os arquivos pessoais são de cunho privado, ao menos assim se formam, constituindo-se em uma representação da trajetória de vida do titular.” (SILVEIRA, 2013, p.140)

Na NOBRADE, Norma Brasileira de Descrição Arquivística, o termo Acervo, é apresentado com usos e significados distintos, por vezes dissonantes ou redundantes[4], conforme apresenta Carlini (2023, p.12). Entre esses usos, destacam-se: ‘*acervo como a totalidade documental da entidade’*. A autora Ana Karina Calmon de Oliveira Rocha, ao iniciar sua discussão sobre a terminologia do termo *documentação* e seus adjetivos, ainda que não se aprofunde nas semelhanças e [5] diferenças entre *coleção* e *acervo*, contribui para refletirmos sobre essa questão. Assim, a autora apresenta a seguinte constatação:

[4]CARLINI (2023) apresenta como a NOBRADE apresenta o termo acervo hora próximo do significado de fundo e coleção, deste modo, o acervo pode ser visto como algo que se forma de modo artificial e / ou orgânico, embora fundo e coleção tenham conceitos com definições mais claras.

> Por exemplo, as palavras coleção e acervo são utilizadas frequentemente e displicentemente como sinônimas. Vejamos: a coleção de bonecas de papel do Museu X faz parte do acervo do referido museu, indicando, dessa forma, que há outras coleções que compõem o acervo daquela instituição e que o acervo é, então, composto por coleções. Entretanto, também é possível encontrar essa apresentação de outra forma: a coleção do Museu X é formada por um acervo composto, em sua maioria, de bonecas de papel, pipas e carrinhos de rolimã. E assim, conforme demonstrado, as palavras acervo e coleção passaram a ter supostos conceitos ora distintos ora sinônimos, conforme o uso na frase. Entretanto, tanto acervo como coleção possuem, respectivamente, conceitos próprios. (Rocha, 2022, p. 201) (grifo nosso)

Neste trecho vemos a autora demonstrar como acervo e coleção, hora são apresentados como sinônimos e hora são apresentados como conceitos opostos: acervo como conjunto artificial de objetos; acervo como a totalidade de documentos de uma entidade. A museóloga Renata Padilha (2014, p.20) define o acervo como algo próximo da ideia de totalidade de uma instituição “(...). As coleções constituídas e salvaguardadas no museu integram o patrimônio cultural da instituição, denominado acervo museológico.”

Ao observar o Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro o compreendemos como um conjunto heterogêneo de vestígios materiais das relações sociais vividas por Rodrigo em diferentes tempos e espaços em que foram produzidos. E que foram selecionados intencionalmente por seu titular e adquirem valor representativo de memória cultural e produtiva para o cenário das artes no estado. Essa dimensão patrimonial do arquivo pessoal apresentada por Silveira (2013), e a noção de Padilha (2014), de conjunto de coleções constituídas por uma instituição que formam um patrimônio. Estas duas concepções dialogam com a definição de acervo museológico descrita na Resolução da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, que estabelece princípios, procedimentos e normas para o recebimento de bens móveis, definindo acervo como: **“**conjunto de testemunhos materiais e imateriais, de variados suportes, formatos e origens, selecionados por representatividade/memória" (Res. SC 105/2014).

No Acervo Pessoal Rodrigo de Haro, no qual se articulam diferentes tipos de objetos que, em sua totalidade, descrevem a trajetória de existência de seu titular para além de seu trabalho, mas que também registram a vida em família, a relação com seus amigos, denotando seus gostos pessoais. Ele pode ser compreendido como o espaço que acolhe coleções, objetos e papéis acumulados, reunidos e

produzidos por uma pessoa em função de suas atividades, que foram destinados ao estudo e à preservação da memória por seu titular, de forma consciente ou não, além de manter a característica de função probatória.

3 O ACERVO E SEUS TITULARES

Comecemos a apresentar Rodrigo Antonio de Haro, o produtor e acumulador deste acervo. Em "Mal de Arquivo: uma impressão freudiana", Derrida explora o entendemos como o desejo de memória, apontando para o ato e a tensão entre o desejo de guardar e o esquecimento inerente ao ato de arquivar, o autor aproxima este desejo ao paradoxo de pulsão de morte com pulsão de arquivo, de guardar, de escrever.

Segundo o filósofo, os arquivos[5], em sua passagem do privado ao público, neste deslocamento, alguns documentos adquirem um destaque dentro dos acervos, ocupando uma "*topologia privilegiada*". Pois o arquivo obedece a uma espécie de ordem, denominado por "*consignação*", que é o ato de reunir signos e coordenar elementos dentro de um sistema. A consignação seria uma espécie de inscrição realizada pelo arconte ou arquivante, ou ainda, pela arkheîon = casa. O ato de consignar proporciona tanto a construção quanto a manipulação das memórias que devem ser preservadas, configurando um processo de seleção consciente e/ou inconsciente, por parte do arquivante.

Embora desejássemos iniciar a busca por essas inscrições, essas marcas do arquivamento de si, identificando esta "topologia privilegiada" tal empreitada não é possível neste momento. Isso porque o acervo em questão não se encontra mais organizado da forma como Rodrigo de Haro o deixou. Após sua morte, ele foi manuseado diversas vezes: papéis foram transferidos de uma caixa para outra, deslocados de um lugar a outro e sofrem interferências de seu atual herdeiro.

Pretendo, deste modo, expor a trajetória deste acervo e assim se começar a construir um caminho para compreender este conjunto documental, considerando o

[5] Embora, para este trabalho, identifiquemos o conjunto de objetos do espólio de Rodrigo de Haro como um acervo que também abarca um arquivo pessoal, coleções de livros, peças tridimensionais e alguns trabalhos artísticos, compreendemos esse acúmulo como resultado de atos de *consignação* — entendidos aqui como o gesto de reunir e ordenar signos para coordenar um sistema de sentidos, narrativas e memórias de si. Vejo, ainda, esse ato de consignação sendo continuado por Idésio Leal, atual guardião, que ao deslocar papéis para o seu próprio arquivo pessoal também constrói sua história em vínculo com a figura de Rodrigo de Haro.

seu processo de produção e acúmulo. Isso implica compreender a trajetória de vida de seu acumulador e herdeiro, elaborar cronologias que permitam contextualizar esse percurso e, a partir daí, refletir sobre propostas de organização e sistematização destes documentos.

Mas antes de partirmos para a apresentação do acervo em si, primeiro e de forma breve, apresento quem foi Rodrigo de Haro, apoiando-me em fontes documentais e bibliográficas sobre o artista, bem como relatos de história oral.

3.1 Apresentando Rodrigo de Haro

Rodrigo de Haro nasceu em Paris, em 6 de maio de 1939, período em que seus pais, Martinho de Haro e Maria Palma de Haro, desfrutavam da estadia concedida pelo Prêmio de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes.[6] Nesse momento, a Europa atravessava intensos conflitos político-militares que culminaram na Segunda Guerra Mundial.

Segundo relatos familiares[7], a França submetia seus cidadãos a treinamentos em caso de invasão alemã e, paralelamente, convidava estrangeiros residentes a deixar o país. Diante desse contexto, Martinho e Maria foram obrigados a retornar ao Brasil, embora, caso pudessem escolher, não o fariam. Rodrigo nasceu prematuro, de sete meses, necessitando de incubadora[8] e de uma cirurgia logo após o parto. Veio ao mundo com um irmão gêmeo siameses, unido pela cabeça, mas este não chegou a se desenvolver.

---

[6] A referência ao seu nascimento em Paris é amplamente mencionada na imprensa e em textos sobre o artista e seu pai Martinho de Haro, como jornais, catálogos e trabalhos acadêmicos. Esta informação consta em minha dissertação de mestrado – Os protegidos de José Boiteux: tecendo o campo das artes visuais em Santa Catarina nas décadas de 1920 e 1930 na Primeira República, 2019 e na dissertação de mestrado de Olinda-Maria Machado Carneiro, A chama ardente: leitura da trajetória poética de Rodrigo de Haro, 1995.

[7] Informações coletadas no âmbito familiar e em conversas com Rodrigo de Haro sobre seus pais em meu Trabalho de Conclusão de Curso Políticas do retrato: o mercado de artes visuais em Florianópolis na primeira metade do século XX, 2014.

[8] Por este motivo Rodrigo desenvolveu problemas sérios de visão e uma má formação dos olhos e miopia que quase o deixou cego, sabe-se que crianças que nasceram neste período e foram para incubadoras vários ficaram com sequelas na visão ou mesmo cegos. Estas complicações se davam pela exposição ao oxigênio em incubadoras, sem o devido controle, pois até a década de 1940 não existia tecnologia para monitoramento e controle do oxigênio e exames de rotina não eram feitos em prematuros. Mais informações disponíveis em: Efeitos do oxigênio no desenvolvimento e gravidade da retinopatia da prematuridade - PubMed e no site: A descoberta da fibroplasia retrolental e o papel do oxigênio: uma revisão histórica, 1942-1956 - PubMed acessados em: 2105/2025

Dessa forma, o casal deixou a França em direção à estação de trem, passando pela Espanha com destino a Portugal, de onde partiria o navio para o Brasil. A passagem foi concedida por um escritor e jornalista brasileiro[9], então em Paris para cobrir os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e amigo da família. Nesse período, Martinho e Maria enfrentaram dificuldades financeiras, pois, durante quatro meses, não receberam a bolsa que lhes era devida, o que os impossibilita de retornar de imediato ao Brasil por via marítima.

Somavam-se a essas dificuldades o casal enfrentava problemas de saúde de Rodrigo, que, ainda bebê, teve infecções devido aos pontos da cirurgia e febre, a mãe enfrentava complicações com o aleitamento materno, pois na maternidade haviam secado seu leite.[10]

De volta ao Brasil, Martinho e Maria passaram um período na Serra Catarinense, em São Joaquim, junto à família de Maria, pois, com um filho pequeno, necessitavam de apoio. E lá encontraram uma rede de apoio, tanto no âmbito familiar, com os cuidados dedicados a uma criança prematura e frágil, quanto no âmbito profissional, com clientes interessados na compra de retratos e outras obras. Por volta de 1942, o casal estabeleceu-se em Florianópolis, cidade onde viveriam pelo restante de suas vidas e onde formariam sua família.

Na dissertação “Os protegidos de José Boiteux: tecendo o campo das artes visuais em Santa Catarina nas décadas de 1920 e 1930 na Primeira República”, De Haro (2019, p. 31-46) investiga a formação do campo das artes visuais em Santa Catarina. Analisa a constituição dos capitais sociais de artistas catarinenses, entre eles Martinho de Haro, destacando as redes de amizade, os laços de parentesco e o apadrinhamento. Observa que a família desempenhou papel fundamental no desenvolvimento de suas trajetórias artísticas, atuando como mediadora na relação com o mecenas José Boiteux, o que possibilitou maior visibilidade, patrocínios e oportunidades de exposição. Defende que, para compreender a construção desse campo, é necessário considerar o entorno dos artistas, suas famílias, instituições, redes de proteção e as formas pelas quais se estruturam as oportunidades a partir desses círculos.

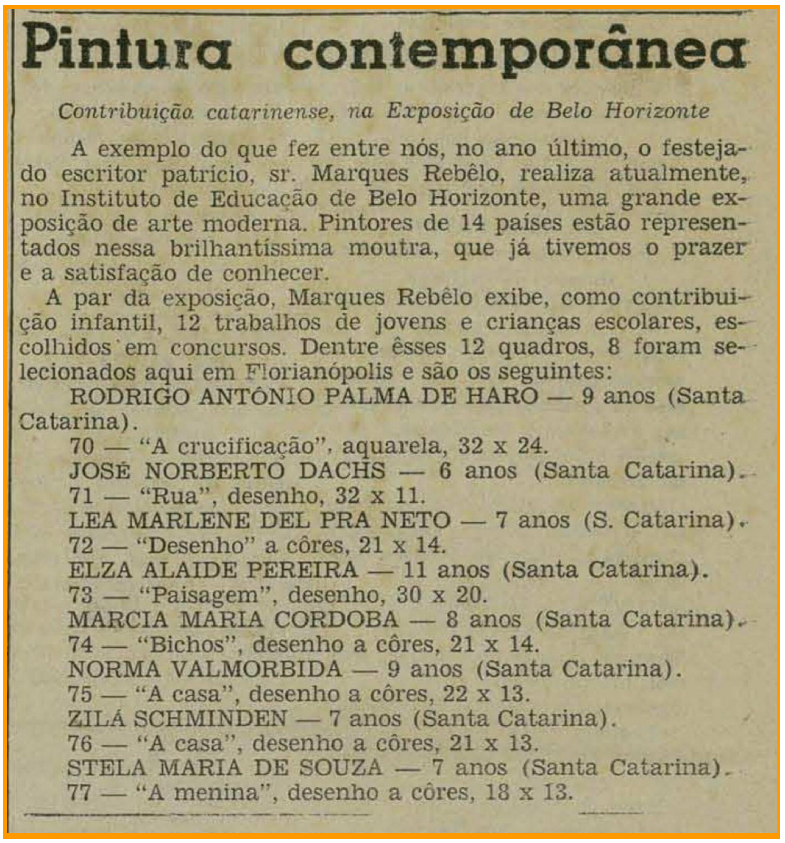
---

[9] Rodrigo de Haro afirmava ser Oswald de Andrade que estava na Europa durante o mesmo período e dá seu lugar no navio para o casal Martinho e Maria voltar para o Brasil. segundo relatos ditos por sua mãe e ele próprio o mesmo navio ao retornar para Europa para buscar mais brasileiros afundou na costa europeia, pois o oceano havia sido minado pelos alemães, segundo eles.

[10] Estes detalhes sobre a viagem de volta ao Brasil eram contados com frequência por Maria Palma de Haro, mãe de Rodrigo que os reproduzia em âmbito familiar.

Embora o foco deste trabalho não seja analisar a trajetória artística de Rodrigo de Haro, tendo como objetivo central analisar a constituição de seus capitais sociais. Pois este trabalho não é de cunho historiográfico, ele está integrado no contexto dos processos de musealização, políticas de gestão de acervos e processos de organização de informações nestes cenários. O foco deste capítulo é apresentar a trajetória do artista, de modo a situar-nos o suficiente para organizar e compreender o acervo, objeto desta pesquisa.

Figura 1 - Anúncio no Jornal O Estado de Exposição de Arte Moderna e 12 trabalhos de crianças em Belo Horizonte.



Pintura contemporânea

Contribuição catarinense, na Exposição de Belo Horizonte

A exemplo do que fez entre nós, no ano último, o festejado escritor patrício, sr. Marques Rebêlo, realiza atualmente, no Instituto de Educação de Belo Horizonte, uma grande exposição de arte moderna. Pintores de 14 países estão representados nessa brilhantíssima moutra, que já tivemos o prazer e a satisfação de conhecer.

A par da exposição, Marques Rebêlo exibe, como contribuição infantil, 12 trabalhos de jovens e crianças escolares, escolhidos em concursos. Dentre êsses 12 quadros, 8 foram selecionados aqui em Florianópolis e são os seguintes:

RODRIGO ANTÔNIO PALMA DE HARO — 9 anos (Santa Catarina).
70 — "A crucificação", aquarela, 32 x 24.
JOSÉ NORBERTO DACHS — 6 anos (Santa Catarina).
71 — "Rua", desenho, 32 x 11.
LEA MARLENE DEL PRA NETO — 7 anos (S. Catarina).
72 — "Desenho" a côres, 21 x 14.
ELZA ALAIDE PEREIRA — 11 anos (Santa Catarina).
73 — "Paisagem", desenho, 30 x 20.
MARCIA MARIA CORDOBA — 8 anos (Santa Catarina).
74 — "Bichos", desenho a côres, 21 x 14.
NORMA VALMORBIDA — 9 anos (Santa Catarina).
75 — "A casa", desenho a côres, 22 x 13.
ZILÁ SCHMINDEN — 7 anos (Santa Catarina).
76 — "A casa", desenho a côres, 21 x 13.
STELA MARIA DE SOUZA — 7 anos (Santa Catarina).
77 — "A menina", desenho a côres, 18 x 13.

Fonte: Hemeroteca Catarinense, coleção Jornal O Estado.

Ao observar o anúncio acima na figura 1, vemos estratégias de seu pai de estimular o filho a interagir com o mundo das artes. É possível destacar que sua inserção no campo das artes visuais foi fortemente influenciada pelos capitais sociais e simbólicos herdados de seu pai, que os utilizava para estimular e influenciar os filhos a seguirem caminhos semelhantes, apresentando-os a outros artistas e a pessoas influentes no campo. O campo artístico catarinense se

reconfigurava na segunda metade do século XX, impulsionado pela criação do MAMF, pela Exposição de Arte Contemporânea de 1948 e pela formação do Grupo Sul, em 1947.

Voltando a breve apresentação do percurso artístico de Rodrigo de Haro, consideramos o início de sua trajetória artística em fins na década de 1950, no ano de 1953 quando participa do “Salão da Pintura Catarinense" e é premiado[11], (Bortolin, 2010, P.361) nesta ocasião tinha em torno de 14 anos de idade. Em 1957 organizou uma série de programas de rádio-teatro com adaptações de contos de Mérimée, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Lovecraft e João do Rio[12].

Em buscas sobre o início de sua trajetória artística encontramos menções em jornais e trabalhos acadêmicos com relação a sua participação ao Grupo Sul - O Círculo de Arte Moderna[13], com atuação entre os anos de 1947 e 1958.

Embora não tenhamos encontrado, até o momento, indícios da participação de Rodrigo de Haro no Grupo Sul, entendemos que são necessárias mais pesquisas para compreender como se deu seu envolvimento com o grupo. Sabe-se, entretanto, que seu pai, Martinho de Haro, é mencionado como ilustrador de algumas capas da revista *Sul*.

Somente em 1957 é possível identificar o primeiro registro de contato de Rodrigo com integrantes do Grupo Sul, quando atuou como responsável pela cenografia da adaptação da peça “Está lá fora um inspetor” do dramaturgo inglês J. B. Priestley sob a direção de Silveira de Souza. No elenco da peça estavam: Hamilton Martinelli, Murilo Pirajá Martins, Ilmar Carvalho, Beatriz Luz, Miro Moraes e Lígia Moellmann. Todos compunham o Teatro Experimental de Santa Catarina -TESC (O Estado, 1957)

Este grupo é criado por Salvio de Oliveira que também havia criado o Teatro Catarinense de Comédia que se funde com o TESC segundo matéria de jornal

---

[11]Esta informação consta na edição do Indicador Catarinense de Artes Plásticas de Nancy Therezinha Bortolin, de 2010, no Verbete Rodrigo de Haro, p.361

[12]COHN, Sérgio. A implacável Poesia. In: Azougue, 10 anos. Org. Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004. 448p.;cm. (p.299), entrevista a Sérgio Cohn. E na cronologia publicada em HARO, Rodrigo de. Tarot Pedra Branca. Florianópolis. Nave - Mauemblu Ciência & Arte. Helena Fretta Publicações. 2017(p.76)

[13]BORTOLIN, Nancy Therezinha. Indicador Catarinense de Artes Plásticas. Verbete Grupo Sul, Grupo formado por: Salim Miguel, Eglê Malheiros, Antônio Paladino, Aníbal Nunes Pires, Ody Fraga e Silva. (p.939) Citados na Dissertação de Mestrado de Olinda-Maria Machado Carneiro, A chama Ardente: leitura da trajetória poética de Rodrigo de Haro, 1995. (p.22)

publicada em O Estado, data de 1957[14]. E que mais tarde veio a ser o primeiro diretor do MAMF (atual MASC). Passaram por este grupo além dos já citados Salim Miguel, Hugo Mund, Ody Fraga e Silva, Adauto Vieira, João Paulo Silveira de Souza, Silvio José do Valle Pereira, Jason Cesar, A. Carreirão juntos apresentaram peças de Pirandelo, Tchekov, Casanova e Sartre. (O Estado,1957).

Segundo Silveira de Souza, em entrevista concedida à *Revista de Ciências Humanas*, ao final das atividades do Grupo Sul surgiu a Revista Litoral, organizada pelos irmãos Paschoal e Apóstolo Pítsica. A revista deu nome ao grupo que então se formava, o qual teve curta duração (Souza, 2009, p. 73).

Nesse período, começaram a despontar novos artistas. Conforme Silveira de Souza menciona, destacam-se C. Ronald, Iaponan Soares, Pedro Garcia e Rodrigo de Haro, que posteriormente participou do GAPF (Souza, 2009, p. 73). Esse dado reforça a hipótese de que Rodrigo de Haro não tenha tido uma participação tão expressiva na Revista Sul quanto se costuma supor. Essa distância pode ser explicada, em parte, por questões geracionais: Salim Miguel, Eglê Malheiros e outros escritores ligados à *Revista Sul* pertenciam a uma geração anterior, enquanto os autores vinculados à *Revista Litoral* eram contemporâneos de Rodrigo, com alguns mantendo laços de amizade mais estreitos com o artista, como Pedro Garcia.

Silveira de Souza também destaca outro fator relevante para a vida intelectual da época: a fundação da Faculdade Catarinense de Filosofia, em 1954, que atraiu para Florianópolis intelectuais como Agostinho da Silva, Eudoro de Souza, João Evangelista de Andrade Filho e Paulo Fernando Lago (Souza, 2009, p. 73).[15]

Rodrigo de Haro, em entrevista concedida a Sergio Cohn para a *Revista Azougue*, em comemoração aos 10 anos da publicação, relata ter conhecido dois intelectuais portugueses, Agostinho da Silva e Eudoro de Souza, provavelmente no início de sua juventude. Segundo o artista, “o pensamento de ambos os aproximaria de Vicente Ferreira da Silva, acredito” (Revista Azougue, 2008, p. 298).

Eudoro de Souza, conforme recorda Rodrigo, estudava o “mundo sagrado dos mitos” (Haro, 2008, p. 298). Nesse período, Rodrigo e seus amigos se aproximaram desses pensadores; entre os amigos estavam Beatriz Luz (artista plástica e poetisa),

---

[14]Exemplar disponível na coleção do Jornal O Estado da Hemeroteca Catarinense. Disponível em: O Estado de Florianópolis (SC) - 1915 a 1979 - DocReader Web acessado em: 19/10/2025

[15]Informações coletadas no texto de GUERRA, F. Rogerio. BALLAS, Arno. Grupo Sul e a Revolução Modernista em Santa Catarina. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, vol. 43, nº 1, p.9-95. abril de 2009. (p.73/74)

Pedro Garcia e Ives Machado. Na mesma entrevista, o artista menciona ter conhecido autores como Mircea Eliade, os pré-socráticos e as Bacantes (Revista Azougue, 2008, p. 298).

Agostinho da Silva[16] viveu em Florianópolis por três anos, de 1956 a 1959 período em que lecionou na Faculdade de Santa Catarina, atual UFSC. Eudoro de Sousa veio viver em Florianópolis em 1955, também foi um dos professores fundadores da faculdade de letras da UFSC, acreditamos ter vivido na cidade no mesmo período. Neste período Rodrigo deveria ter em torno de 18 ou 19 anos de idade. Cremos que o período de quando formaram um grupo em torno dos professores deva ser o mesmo de quando foi oferecido um curso pelo Museu de Arte Moderna de Florianópolis (atual masc) intitulado os Três mil anos de arte Egípcia e Filosofia da Arte proferidos pelo professor Eudoro de Sousa[17], em 1958. neste período quem dirigia o museu era João Evangelista, conforme está expresso em matéria escrita no jornal O Estado de 1958[18]. No texto de Nereu Corrêa publicado da Revista Leitura do Rio de Janeiro, aparecem dados sobre um curso de poesia proferido por Eudoro no museu de arte moderna.

> a) a filosofia da arte; a arte na tese clássica,na antítese romântica e síntese proposta; b) o mistério e o símbolo na arte; d) a essência da arte e o símbolo de orfeu; e) a interpretação artística.” (Correa. in: revista leitura, 1958)

Na mesma época a Revista Litoral era criada Rodrigo participou do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis - GAPF, formado em janeiro de 1958[19]. Neste mesmo ano realizou uma exposição em Florianópolis no Salão Nobre da Faculdade de Direito**,** segundo consta em cronologias de exposições do artista[20]. Nesta

---

[16] Para saber mais sobre Agostinho da Silva ver o livro “ O Essencial sobre Agostinho da Silva “ de Romana Valente Pinho, Doutora em Filosofia pela Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2006. Disponível em: (99+) O Essencial sobre Agostinho da Silva, Acessado em: 19/10/2025.

[17] Leitura (RJ) - 1923 a 1973 - DocReader Web (bn.gov.br) Revista Leitura

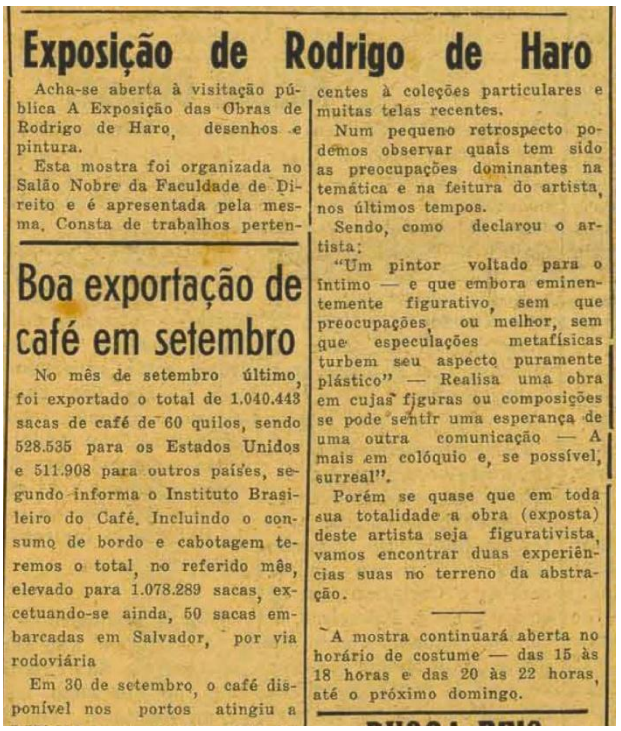
[18] Jornal O estado de 16 de novembro de 1958. E o semanário A leitura do Rio de Janeiro de 1958 publicado com texto de Nereu Correa apresentado

[19]BORTOLIN, Nancy Therezinha. Indicador Catarinense das Artes Plásticas, apresenta os seguintes artistas como fundadores do Grupo de Artistas Plásticos de Florianópolis/GAPF: Aldo João Nunes, Dimas Rosa, Meyer Filho, Hassis, Hugo Mund Jr., Pedro Paulo Vecchietti, Tércio da Gama e Thales Brognoli. 2010 p. 933. Também citados Dissertação de Mestrado de Olinda-Maria Machado Carneiro, A chama Ardente: leitura da trajetória poética de Rodrigo de Haro, UFSC, 1995. (p.22)

[20]Exposição amplamente divulgada em cronologias publicadas em catálogos e folders sobre Rodrigo de Haro e informação presente em BORTOLIN, Nancy Therezinha. Indicador Catarinense de Artes Plásticas. Florianópolis: Bernúncia Editora, 2010, verbete Rodrigo de Haro.

exposição, conforme o jornal “O Estado”[21], expõe pinturas e desenhos que giram em torno do figurativismo e com algumas incursões no abstracionismo. Esta exposição foi composta por trabalhos que pertenciam a coleções particulares e outros trabalhos feitos especialmente para esta mostra, segundo nota publicada na época (Figura 2).

Figura 2 - Nota no Jornal O Estado de 1958 sobre exposição de Rodrigo de Haro na Faculdade de Direito



Exposição de Rodrigo de Haro

Acha-se aberta à visitação pública A Exposição das Obras de Rodrigo de Haro, desenhos e pintura.

Esta mostra foi organizada no Salão Nobre da Faculdade de Direito e é apresentada pela mesma. Consta de trabalhos pertencentes à coleções particulares e muitas telas recentes.

Num pequeno retrospecto podemos observar quais tem sido as preocupações dominantes na temática e na feitura do artista, nos últimos tempos.

Sendo, como declarou o artista:

"Um pintor voltado para o íntimo — e que embora eminentemente figurativo, sem que preocupações, ou melhor, sem que especulações metafísicas turbem seu aspecto puramente plástico" — Realisa uma obra em cujas figuras ou composições se pode sentir uma esperança de uma outra comunicação — A mais em colóquio e, se possível, surreal".

Porém se quase que em toda sua totalidade a obra (exposta) deste artista seja figurativista, vamos encontrar duas experiências suas no terreno da abstração.

A mostra continuará aberta no horário de costume — das 15 às 18 horas e das 20 às 22 horas, até o próximo domingo.

Boa exportação de café em setembro

No mês de setembro último, foi exportado o total de 1.040.443 sacas de café de 60 quilos, sendo 528.535 para os Estados Unidos e 511.908 para outros países, segundo informa o Instituto Brasileiro do Café. Incluindo o consumo de bordo e cabotagem teremos o total, no referido mês, elevado para 1.078.289 sacas, excetuando-se ainda, 50 sacas embarcadas em Salvador, por via rodoviária

Em 30 de setembro, o café disponível nos portos atingiu a

Fonte: Hemeroteca Catarinense

Na década de 1960 conhece os poetas paulistas que mais tarde foram publicados por Massao Ohno[22] na coleção dos novíssimos. Segundo Claudio Willler em depoimento ao filme de Ugo Giorgetti “Uma outra cidade” de 2000[23], Willler

[21]Exemplar do jornal - O Estado - encontrado no site da Hemeroteca Catarinense, lá se encontra a coleção do jornal digitalizada desde 1915 até o ano de 1976. Disponível em: O Estado de Florianópolis (SC) - 1915 a 1976 - DocReader Web (cultura.sc.gov.br) Acessado em: 08/06/2024.

[22] A Editora Massao Ohno foi fundada em meados dos anos 50, editando inicialmente títulos didáticos destinados a estudantes de cursinhos pré-vestibulares. A editora foi responsável por editar cerca de 700 obras publicadas, e no início da década de 1960 foi responsável por editar a coleção de novíssimos da poesia paulistana entre os poetas os amigos de Rodrigo: Claudio Willer e Roberto Piva entre outros. Na década de 1980 o editor publica o livro Amigo da Labareda. Massao Ohno nasceu em São Paulo em 12/02/1936 e faleceu em Sorocaba em 11/06/2010. Disponível em: Massao Ohno | Enciclopédia Itaú Cultural acessado em 18/10/2025. Informações quanto a fundação da editora de Massao Ohno disponíveis em: O Editor | Acervo Massao Ohno acessada em 18//10/2025

[23]Uma outra Cidade (2000) é um documentário dirigido e produzido para a TV Cultura pelo diretor Ugo Giorgetti (1942). O documentário apresenta a cidade de São Paulo a partir de memórias de fatos e

Conhece Rodrigo de Haro através de Roberto Piva que este vem a Florianópolis para a exposição de Poemas Murais organizada pelo grupo de novos poetas catarinenses: Lindolf Bell, Edson Ubaldo, Osmar Pisani, Péricles Luiz Medeiros Prade e Rodrigo de Haro esta exposição foi realizada no Instituto Brasil-Estados Unidos (IBEU) e contava com a apresentação de Nereu Corrêa, os poemas receberam ilustrações de Rodrigo de Haro e Jair Platt[24] e ficaram expostas por uma semana neste espaço. O coquetel de abertura foi patrocinado por Orlando Damiani e cia. Em uma das matérias apresentadas na figura 3 vemos depoimentos dos poetas Roberto Piva e Carlos Felipe Moisés, poetas paulistas.

Figura 3 - Matérias sobre a exposição de poemas mural, em 1961



POESIA MURAL HOJE

Poesia Mural será exposta hoje às 20 horas, no Instituto Brasil-Estados Unidos. O grupo dos novos poetas de Santa Catarina: Lindolf Bell, Edson Ubaldo, Osmar Pisani, Rodrigo de Haro e Péricles Luiz Medeiros Prade, oferecerá um coquitel de abertura, sob o Patrocínio de Silvio Orlando Damiani e Cia. O escritor Nereu Corrêa apresentará o Grupo. Ilustrarão os poemas os artistas plásticos Jair Platt e Rodrigo de Haro. Durante uma semana os poemas permanecerão expostos.

"Poesia catarinense encerra calor humano"

Inaugurada a Usina de Seara

Grupo de Trabalho Para Reorganizar a Secretaria de Agricultura

Fonte: Hemeroteca Catarinense, coleção Jornal O Estado.

lugares de poetas que viveram esta cidade no início da década de 1960, entre eles estavam Rodrigo de Haro, Claudio Willer, Roberto Piva, Jorge Mautner, Antônio da Francheschi. Mais informações sobre o diretor e o documentário disponível em: arquitextos 098.02: A cidade de São Paulo e o imaginário urbano: ficção e realidade no cinema de Ugo Giorgetti (1) | vitruvius. Acessada em: 19/10/2025. E em depoimento do diretor no canal do youtube do Instituto de Estudos Avançados - UNICAMP disponível em: (405) Ugo Giorgetti fala sobre o documentário "Uma Outra Cidade" - YouTube. Acessado em: 19/10/2025

[24]APRESENTAR BREVEMENTE OS OUTROS POETAS E JAIR PLATT ARTISTA ILUSTRADOR DOS POEMAS - Lindolf Bell (1938-1998) poeta natural de Timbó, fundou o movimento "Catequese Poética" de 1964; Péricles Prade (1942-2024) poeta e um dos fundadores da Galeria Açu-Açu junto com Lindolf Bell e Elke Hering em Blumenau na década de 1970; Edson Ubaldo (1944-2021) poeta, Desembargador e professor de Direito, natural de Campos Novos foi membro da Academia Catarinense de Letras; Jair Platt artista visual, Osmar Pisani (1937-2007) professor, poeta e produtor cultural catarinense e crítico de arte . Para mais informações: Casa do Poeta Lindolf Bell; FCC - Fundação Catarinense de Cultura - Nota de Pesar: Péricles Prade; Péricles Prade – Wikipédia, a enciclopédia livre; Desembargador Edison Ubaldo morre em Florianópolis; https://www.encontro2024.historiaoral.org.br/resources/anais/10/eabho2024/1729464653_ARQUIVO_f47bfc7c232a14073ca01cc7bfa3168d.pdf; Arquivo Público do Estado de Santa Catarina; FCC - Fundação Catarinense de Cultura - História; (PDF) Fragmentos de uma poética que não cala: Osmar Pisani

Segundo Rodrigo, ele conheceu o editor Massao Ohno por intermédio de Péricles Prade e Lindolf Bell. Após entrarem em contato com o editor, vieram à Ilha os poetas Roberto Piva e Carlos Felipe Moisés e outros autores para o lançamento da antologia.[25] Na ocasião desta exposição os poetas Roberto Piva, Carlos Felipe Moisés e Otávio da Silva Junior deixaram alguns comentários sobre a poesia catarinense. Não conseguimos imagens ou reproduções dos textos expostos neste evento, mas cremos que a partir dele é que Rodrigo se aproxima do grupo de poetas paulistas ditos surrealistas e se constroem vínculos de amizade que duraram por toda uma vida. Se encontravam com Vicente Ferreira da Silva e sua esposa Dora Ferreira da Silva[26]. Na casa do filósofo faziam leituras de poetas e filósofos e foi através dele que foram sendo influenciados por Vicente, segundo depoimentos dos poetas no filme.

Na década de 1970, Rodrigo de Haro participou ativamente do meio cultural e artístico de São Paulo e do Rio de Janeiro. Na verdade, sua inserção nesses contextos já vinha ocorrendo desde a década de 1960, mas foi entre os anos 1970 e 1980 que sua presença se tornou mais intensa. Nesse período, realizou exposições coletivas com outros artistas catarinenses, individuais e também exposições em parceria com seu pai, em galerias e museus. No Rio de Janeiro, expôs na Galeria Chica da Silva, conforme convite (Figura 4) e em São Paulo participou de mostras na Galeria Rastro[27]. Participa de exposições no Museu de Arte Moderna de São

---

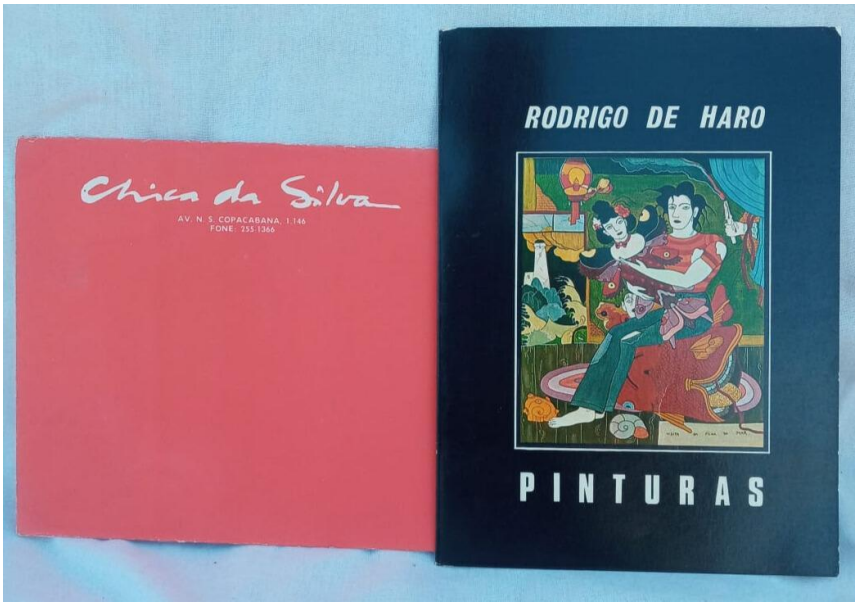
[25]Revista Azougue, p.301

[26]Dora Ferreira da Silva (1918-2006) foi uma poetisa, tradutora e ensaísta brasileira, nascida em Conchas/SP. Sua poesia é descrita como meditativa com influência de temas religiosos e místicos. Foi tradutora de San Juan de La Cruz, em especial de autores de língua alemã, como Rilke, Hölderlin e Novalis. Fundou e dirigiu duas importantes revistas: a *Revista Diálogo* nos anos 1950, com o marido Vicente, e a *Cavalo Azul* nos anos 1980. Vicente Ferreira da Silva (1916-1963) nasceu em São Paulo/SP foi um filósofo, matemático e intelectual brasileiro, pensador do existencialismo, do mito e da ética. A casa do casal em São Paulo tornou-se um ponto de encontro e irradiação cultural para diversos intelectuais, poetas e artistas. Ele morreu aos 47 anos de idade em um acidente de carro. Para informações: Dora Ferreira da Silva – Poesia traduzida no Brasil; Dora Ferreira da Silva; Vicente Ferreira da Silva e a filosofia brasileira; https://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n5/download/pdf/dora.pdf; (405) 17 Vicente Ferreira da Silva - YouTube; A redescoberta da filosofia no Brasil III – Vicente Ferreira da Silva | Dicta & Contradicta Acessado em: 19/10/2025

[27]A Galeria Rastro, inaugurada em 1979, localizada na rua Augusta. Pertenceu a Aparício Basilio da Silva (1936-1992), perfumista, estilista, artista, escritor, crítico de arte e empresário. Na década de 80 presidiu o comando do Museu de Arte Moderna-MAM/SP de 1982 até 1992 quando foi morto com 97 golpes de facadas. Para mais informações sobre Aparício Basilio da Silva acessar os links: scielo.br/j/ars/a/LYLxCZDs58RwXNsSWgYCzzs/?format=pdf&lang=pt; Aparicio Antonio Basilio da Silva - Aparicio Basilio - Biografia do Artista - Catálogo das Artes | Catálogo das Artes; APARÍCIO BASÍLIO: O ENCONTRO CASUAL QUE TERMINOU EM RITUAL DE MORTE; (5) Instagram

Paulo (MAM/SP) no Panorama Atual da Arte Brasileira de 1979 e 1983[28], período em que Aparício Basilio da Silva foi presidente do MAM, amigo de Rodrigo.

Figura 4 – Convite para exposição “Pinturas” na Galeria Chica da Silva, RJ.



Fonte: Acervo Rodrigo de Haro, fotografia retirada pela autora.

Na década de 1970 e 1980, Rodrigo de Haro realizou diversas exposições — individuais, coletivas e em salões — em Santa Catarina, São Paulo e Rio de Janeiro. Em Blumenau, expôs na Galeria Açu-Açu; em Joinville e, naturalmente, em Florianópolis, também participou de várias mostras. Além das exposições, dedicou-se à decoração de clubes e boates, como o Clube 12 de Agosto e a Boate Hamlet, como é apresentado em algumas fontes de periódicos.

Nos anos 1970, tentou manter, junto a Osmar Pisani, a Galeria Nossa Senhora do Desterro, que funcionou por cerca de um ano e meio.

[28]Informação coletada na Dissertação de Mestrado em Educação Científica e Tecnológica da PPGECT/UFSC de autoria de Hellen da Silva Zago. Disponível em: Microsoft Word - dissertaçao FINALÍSSIMA-abril2010 Acessado em: 19/10/2025.

Figura 5 - *Anúncio sobre inauguração da Galeria Nossa Senhora do Desterro,1970*



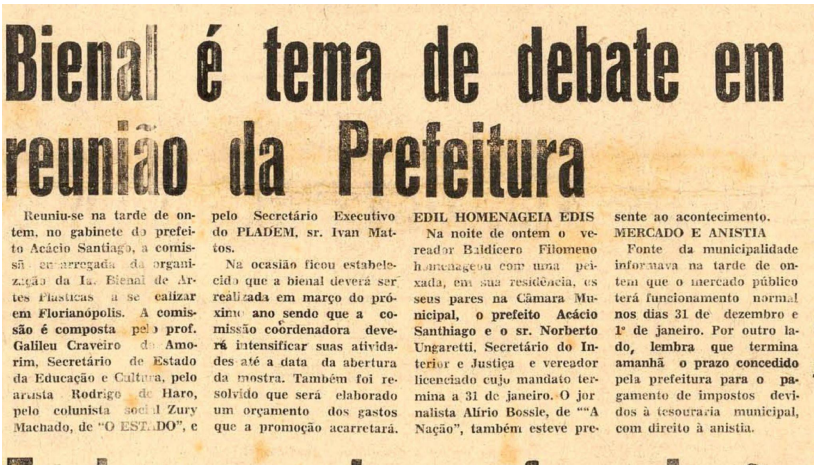
Zury Machado

concorrida foi a inauguração da galeria de Arte Nossa Senhora do Desterro, quinta-feira última. A galeria está sob a responsabilidade de Osmar Pizzani, Rodrigo de Haro, Gilberto Gerlack, Laura Corrêa e Solange Martins.

Fonte: Hemeroteca Catarinense, coleção Jornal O Estado.

Teve ainda textos publicados no *Panorama do Conto Catarinense*, organizado por Iaponan Soares. Realizou exposições em parceria com seu pai, em Santa Catarina e nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. No ano de 1966, chegou a idealizar a I Bienal de Florianópolis, projeto que acabou não se concretizando.

Figura 6 - *Matéria Sobre a I Bienal de Florianópolis, 1966*



Bienal é tema de debate em reunião da Prefeitura

Reuniu-se na tarde de ontem, no gabinete do prefeito Acácio Santiago, a comissão encarregada da organização da Ia. Bienal de Artes Plasticas a se realizar em Florianópolis. A comissão é composta pelo prof. Galileu Craveiro de Amorim, Secretário de Estado da Educação e Cultura, pelo artista Rodrigo de Haro, pelo colunista social Zury Machado, de "O ESTADO", e pelo Secretário Executivo do PLADEM, sr. Ivan Mattos.

Na ocasião ficou estabelecido que a bienal deverá ser realizada em março do próximo ano sendo que a comissão coordenadora deverá intensificar suas atividades até a data da abertura da mostra. Também foi resolvido que será elaborado um orçamento dos gastos que a promoção acarretará.

EDIL HOMENAGEIA EDIS

Na noite de ontem o vereador Baldicero Filomeno homenageou com uma peixada, em sua residência, os seus pares na Câmara Municipal, o prefeito Acácio Santhiago e o sr. Norberto Ungaretti, Secretário do Interior e Justiça e vereador licenciado cujo mandato termina a 31 de janeiro. O jornalista Alirio Bossle, de ""A Nação", também esteve presente ao acontecimento.

MERCADO E ANISTIA

Fonte da municipalidade informava na tarde de ontem que o mercado público terá funcionamento normal nos dias 31 de dezembro e 1º de janeiro. Por outro lado, lembra que termina amanhã o prazo concedido pela prefeitura para o pagamento de impostos devidos à tesouraria municipal, com direito à anistia.

Fonte: Hemeroteca Catarinense, coleção Jornal O Estado

Na década de 1980, ao conhecer Idésio Leal, Rodrigo de Haro inicia também a realização de mosaicos de cerâmica em Santa Catarina. O primeiro deles, datado desse período, foi o *Cortejo Folclórico*, instalado no ARS-ARTIS. Na década de 1990, criou o mosaico *Livro Aberto da América Latina*, na Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC), contando com Idésio como auxiliar. Nessa mesma época, fundou a editora Livros do Athanor.[29]

Nos anos 2000, vemos sua produção literária diminuir, no entanto ainda é em 2005 que Rodrigo passa a ocupar a cadeira nº 35 da Academia Catarinense de Letras, sucedendo o poeta e ensaísta Celso Ramos. E em 2000 também publica as obras: Andanças de Antônio (2005), Ofícios Secretos (2011), Folia do Ornitorrinco (2011), Espelho de melodramas (2011). No final da década de 2000, inaugurou a exposição Dos Arquétipos: o poder das imagens (2016) sobre o tema do Tarot e o Zodíaco com obras de acrílico sobre papel e acrílico sobre tela realizadas entre 2015 e 2016. E Tarot da Pedra Branca (2017), sobre o tema do Tarot em torno dos Arcanos Maiores com os desenhos de Rodrigo de Haro e os Mosaicos com a transposição de Idésio Leal, Tudo é representado nos catálogos foram editados por Helena Fretta Publicações. Neste período Rodrigo Já se encontrava com a saúde bem debilitada, passava temporadas hospitalizado, com idas e vindas do hospital de Caridade com corpo fraco, mãos trêmulas e as memórias cada vez mais se apagando.

Rodrigo de Haro veio a falecer na manhã de 1º de julho de 2021, em sua residência, na Lagoa da Conceição, em decorrência de complicações de saúde relacionadas ao Alzheimer, além de problemas cardíacos, respiratórios e renais.

3.2 Rodrigo de Haro e Idésio Leal

Antes de apresentar o acervo de Rodrigo de Haro devemos antes falar um pouco de Idésio Leal e como esta parceria com Rodrigo de Haro começou. Idésio Leal Lourenço[30], também artista visual, é atualmente o titular do acervo de Rodrigo de Haro. Eles se conheceram na década de 1980, quando Rodrigo foi convidado para realizar a decoração do Teatro Municipal Adolfo Mello, em São José, município onde residia naquele período.

Idésio conheceu Rodrigo de Haro quando o artista fez a decoração da Boate Beijos e Beijos em São José, na década de 1980. Neste mesmo período, o Teatro

[29]Para mais informações consultar o livro de Raul Antelo, Rodrigo de Haro e a Ópera do Mundo. Catálogo - Tarot Pedra Branca e Indicador Catarinense de artes plásticas de Terezinha Nancy Bortolin.

[30]Natural de Santo Antônio de Lisboa, nasceu em 1963, filho de Santana Leal e Manoel Lourenço. A família se mudou quando o pai, que trabalhava no Posto Meyer, sofreu um acidente e então todos foram viver em Paulo Lopes.

Municipal de São José quase foi vendido pela prefeitura, durante o mandato do prefeito Gelci Dorval Macedo Thives. Segundo relato do próprio Idésio[31], o teatro seria vendido para a rede de Supermercados Imperatriz, a questão chegou a ser discutida na Câmara Municipal de São José. A venda foi evitada após a intervenção de Gilberto Gerlach, criador do Cineclube Nossa Senhora do Desterro, que procurou o governo de Santa Catarina e conseguiu que o governo declarasse o Teatro Municipal de São José de utilidade pública e garantiu recursos para a restauração do edifício. O Estado assumiu a tutela do Teatro Adolpho Mello por quase dez anos, devolvendo a tutela ao município na década de 1989. Na figura 7 vemos a equipe que trabalhou com Rodrigo de Haro na Decoração do Teatro, do lado direito da imagem, de joelho no chão, vemos Rodrigo e, em pé, logo atrás encostado na parede vemos Idésio Leal.

Figura 7 - Registro da equipe que trabalhou com Rodrigo de Haro na decoração do Teatro Adolpho Mello em São José.



Fonte: Acervo Rodrigo de Haro, década de 1980.

A partir dessa decisão, foi realizada uma reforma, cujo projeto foi assinado por Gilberto Gerlach e concluída com a reabertura do espaço em 1981[32]. Após estas

[31]Conversa com Idésio Leal em sua residência a respeito de como conheceu Rodrigo de Haro. Em 09/12/2025

[32]O teatro serviu de sede do cineclube nossa senhora do desterro até 1984, quando foi transferido para o CIC. Wikipedia 13/09//2025 sábado. informações sobre o teatro disponíveis em: Com 167 anos de história, teatro mais antigo do estado é restaurado com recursos do FRBL e pode voltar a ser

transformações o Teatro Municipal de São José passa a se chamar oficialmente *Theatro Adolpho Mello*, em homenagem ao músico Adolpho Ferreira Mello.

É nesse contexto que Rodrigo de Haro, então com cerca de 40 anos, foi responsável pela decoração interna da instituição e liderou uma pequena equipe. Foi neste contexto que se estabeleceu o primeiro contato com Idésio Leal Lourenço, que era jovem com cerca de 18 anos, trabalhava como garçom na Boate Beijos e Beijos, empreendimento de Benjamin e Gilberto Gerlach, também proprietários da residência onde Rodrigo vivia.

Rodrigo convidou Idésio Leal Lourenço a trabalhar como auxiliar na realização dos painéis dando fundo nas telas ou na montagem das telas. Deste modo, Idésio passou a preparar os fundos das telas produzidas para a decoração do teatro e preenchia os desenhos sob a orientação de Rodrigo de Haro. Na época, prestes a completar 18 anos e servir ao exército, conseguiu dispensa por excesso de contingente graças à intervenção de Rodrigo.

O encontro, aparentemente ocasional, foi com o tempo revelando-se decisivo, a partir desse momento, deu-se início a uma parceria que duraria anos. Idésio tornou-se presença constante, trabalhando com Rodrigo e seu pai Martinho de Haro. Atendendo a questões cotidianas e compromissos com trabalho com preparo de telas nos ateliês.

A partir da década de 1980, especificamente em 1984, Idésio passou a participar de mostras coletivas de artistas catarinenses e também de exposições individuais em Florianópolis e em outras cidades do Estado. Exibiu seus trabalhos em espaços como o Armazém Vieira, a Casa da Cultura de Itajaí e a Câmara Municipal de Florianópolis.[33] Também expôs fora de Santa Catarina, como em São Paulo, na Funarte, na mostra Exposições Raízes.

Em meados da década de 1990, iniciou uma série de trabalhos em mosaico com Rodrigo de Haro, atuando como assistente na execução de murais em Florianópolis. O primeiro foi realizado no Centro Executivo Casa do Barão. No ano seguinte (1996/1997), a dupla produziu o mosaico da Reitoria da UFSC, uma de

---

palco de espetáculos para a comunidade, acessado em: 13/09/2025 mais informações em: Theatro Adolpho Mello chega aos 167 anos como berço teatral de São José - Prefeitura Municipal De São José mais informações Theatro Adolpho Mello chega aos 167 anos como berço teatral de São José - Prefeitura Municipal De São José w mais informações Angelina Wittmann - Arte-Cultura-História e Antropologia : Theatro Adolpho Mello - O Teatro mais Antigo de Santa Catarina - São José SC

[33] Informações sobre exposições do artista disponíveis em BORTOLIN, Nancy Therezinha. Indicador Catarinense de Artes Plásticas. Verbete Idésio Leal Lourenço. (p.XX)

suas obras mais conhecidas e representativas. Ao longo das décadas seguintes, realizaram juntos 17 mosaicos em diferentes localidades de Santa Catarina.

No início de 1992, fundou, junto de Rodrigo de Haro e Eduardo Moreira, a Editora Livros do Athanor, conforme apresenta a figura 8. A ideia da editora já existia na mente de Rodrigo desde 1980: criar uma editora artesanal, dedicada à produção de livros simples e belos, em tiragens reduzidas de, no máximo, 300 exemplares. A editora funcionava no quintal da casa de Rodrigo de Haro, na Lagoa da Conceição[34], na mesma residência que anteriormente havia servido de moradia para Idésio e sua esposa Lela, quando tiveram seu primeiro filho.

Figura 8 - Reportagens sobre a criação da Editora Athanor, jornais A Notícia e Diário Catarinense, 1993.



Fonte: Acervo Rodrigo de Haro, 1993.

A proposta editorial era publicar livros de poesia, contos, fábulas e pequenos textos, além de antologias da literatura judaico-espanhola e da Antologia Palatina e literatura palatina erótico-romana, bem como pequenas coletâneas de caráter histórico-antropológico e poesia catarinense. Rodrigo em entrevista ao jornal Diário Catarinense diz que a editora foi inspirada nas antigas corporações artesanais ressaltando: “queremos retomar o passado e não ser do século passado.” (Rodrigo de Haro, 1993).

[34]Informações sobre a Editora Livros do Athanor publicadas no jornal Diário Catarinense de 1993, coluna Letras e Ideias do Caderno de Cultura. Estes recortes de jornal integram o acervo pessoal Rodrigo de Haro

Essa parceria entre Rodrigo de Haro e Idésio Leal, teve início ainda na década de 1980, com o mural no ARS-ARTIS, executado com pastilhas da Vidrotil e inspirado nos folguedos populares e no boi de mamão. Durante toda a década de 1990, Idésio Leal dedicou-se, juntamente com Rodrigo de Haro, à realização de mosaicos de azulejos em diferentes localidades do Estado de Santa Catarina. Passando a assinar junto com Rodrigo os mosaicos e não mais como ajudante. O Mosaico com maior repercussão foi o Livro Aberto da América Latina na UFSC, realizado pelos dois. Teve também o mosaico no Cine York Idésio fez a decoração do bar do cinema, enquanto Rodrigo de Haro fez a reprodução dos cartazes de filmes em mosaicos.

Na segunda década dos anos 2000, Rodrigo de Haro foi diagnosticado com mal de Alzheimer. Com o avanço da doença, Idésio Leal passou a assumir progressivamente a direção dos trabalhos em mosaico. Rodrigo deixou alguns projetos a serem executados no futuro sob a responsabilidade de Idésio. Além disso, redigiu uma carta-testamento, na qual destinou a guarda de seu acervo, propriedades e obras a Idésio Leal.

Os últimos trabalhos realizados por Idésio Leal com Rodrigo de Haro em vida foram os mosaicos do passeio Pedra Branca, em Palhoça, sobre o tema do Tarot, intitulados *Tarot Pedra Branca*. No total, são 22 totens de concreto revestidos com mosaico, cujo desenho é de Rodrigo de Haro e a execução, de Idésio Leal.

4 . OS DOCUMENTOS E A INFORMAÇÃO NO ACERVO PESSOAL RODRIGO DE HARO

O conceito de documento se constitui a partir da interrogação do pesquisador e entre o diálogo com o objeto de pesquisa, segundo Meneses (1998) e Chagas (1994). Para esta pesquisa, os documentos deste acervo são compreendidos como vestígios e testemunhos do passado de Rodrigo de Haro. Eles estão relacionados a tempos, lugares, pessoas e atividades por ele exercidas ao longo da vida, servindo como prova de suas relações sociais em âmbito público ou privado. Deste modo, estes documentos representam fragmentos de uma vida de um sujeito, artista e escritor que os produziu, e que acreditamos, tinha a intenção de preservar sua memória.

Essas diferentes associações em torno do conceito de documento geraram certa confusão quando olhamos para o acervo de Rodrigo de Haro. Inicialmente, consideramos o acúmulo de peças produzidas pelo artista como um arquivo pessoal, pois entendíamos que tudo o que fora guardado por ele se relacionava à sua atuação como artista, poeta, muralista e cenógrafo. No entanto, o que mais nos chamou a atenção em seu acervo foram os documentos em papel, estes sim, entendidos como arquivo pessoal. Neste arquivo estão incluídos recortes de jornal, manuscritos, textos originais de seus livros, cadernos e anotações pessoais. Estes são documentos de caráter único que trazem informações sobre o privado, separar documentos dessa natureza poderia interferir na interpretação e representação de sua trajetória de vida. A exemplo dos recortes de matérias de jornais, eventos, assuntos e imagens de interesse "uma vez destacados dos periódicos em que foram publicados, passam a formar séries de funcionalidade diversas", (Camargo, 2009, p. 29) (criam outros sentidos) demonstraram processos de seleção e aquisição documental do próprio titular.

Nem todos os objetos guardados por Rodrigo se relacionam unicamente à sua trajetória profissional, muitos deles representam aspectos de sua vida íntima e familiar, suas relações com amigos e parentes, além de revelar seus pensamentos e gostos pessoais. Há, entretanto, objetos que atravessam as dimensões do pessoal e do profissional. Como mencionado anteriormente, na introdução deste trabalho vários objetos aparecem como personagens em telas, desenhos e poemas, objetos ou figuras inspirados em pessoas reais, em animais de convívio e em elementos de suas propriedades.

Na figura 9, observam-se objetos que Rodrigo acumulou tanto por influência de seu trabalho quanto por seu gosto pessoal. O par composto pela pintura e pela estátua de barro de uma figura feminina ilustra como ele utilizava elementos de sua própria coleção para compor os arranjos das imagens em suas obras. No outro par de imagens, vê-se uma estatueta em bronze e quartzo, atribuída ao artista austríaco Bruno Zach, exibida na exposição *Etérea*, no Instituto Collaço Paulo, e que atualmente integra a coleção Collaço Paulo. A peça foi vendida ao colecionador em um dos momentos de crise financeira vividos pelo artista. As peças tridimensionais do acervo do artista assumem dimensões sentimentais e intangíveis como bem observa Krtalić sobre as coleções pessoais e Pomian, atravessam questões de

status, funcionando ora como moeda de troca em períodos difíceis, ora como instrumentos de trabalho e decoração em outros momentos.

Figura 9 - Objetos Tridimensionais utilizados em obra para compor narrativas visuais



Fonte: Registro da autora e imagem recolhida da internet: instagram Instituto Collaço Paulo e Blog das Artes, 2025.

Os documentos neste Acervo Pessoal são suportes de informação, no sentido de *informatio* – de dar a conhecer, e devem ser lidos em 3 camadas: coisa (em sua materialidade), conhecimento (algo apreendido pelos sujeitos) e processo (ato de informar). Pois influenciam o conhecimento que temos sobre o acumulador Rodrigo de Haro, e atual mantenedor do acervo Idésio Leal e permitindo construir novas formas de conhecimento sobre ambos. Sendo “(...) esta é uma propriedade inerente a todo tipo de informação, até porque a informação não existe sem o reflexo (e vice-versa) e sem os atributos de tempo, espaço, matéria e movimento.” (Castro, 2007, p.98).

Pensando junto com Castro (2007), entendemos a informação sempre vinculada ao mundo real, ela resulta de um evento, ação ou ideia humana situada no espaço e no tempo, em um contexto, que se manifesta em um suporte material, sendo passível de ser atualizada. A partir do entendimento das diferentes camadas

pertencentes a noção de documento e informação podemos pensar na constituição deste conjunto documental como um Acervo Pessoal.

4.1 A ORGANIZAÇÃO ATUAL DO ACERVO

Hoje, o acervo encontra-se sob os cuidados de Marilene Machado Lourenço, esposa de Idésio Leal, atual titular desde a morte de Rodrigo de Haro. Ela organizou todos os bens que hoje fazem parte do que chamamos aqui de Acervo Pessoal, agrupando alguns objetos conforme sua forma e características, obras de arte, vestimentas, objetos pessoais, outros objetos ainda são mantidos conforme a organização da própria casa.

> Sim, os objetos. Eles estão dispostos na casa de forma decorativa e também da forma como ficaram a vida inteira. Então, por exemplo, você entra na biblioteca: ela está com os livros, está decorada, porque a casa continua praticamente a mesma casa. Não houve, sabe, uma mudança ao longo da vida. [...]. Então, por exemplo, eu não tenho um lugar exclusivo para guardar vasos. Eles estão onde sempre ficaram: distribuídos pela casa, de forma decorativa, e acabou se estabelecendo um lugar para cada coisa. (Marilene Machado Leal Lourenço, 17/11/2025)

A maioria dos objetos tridimensionais estão distribuídos pela casa, em seus lugares que foram sendo estabelecidos no decorrer do tempo. No entanto, sabemos que há objetos guardados em gavetas e caixas de plástico, roupas que se mantém guardadas. Tendo uma atenção especial com os documentos pessoais produzidos por ele ligados à escrita, reunindo livros publicados por ele, livros ilustrados por ele, livros com dedicatórias e convites para exposições. No entanto, o Acervo Pessoal e nem o arquivo pessoal passou por um tratamento museológico ou arquivístico; trata-se de uma organização natural e intuitiva. Quando inquirida sobre a organização dos papéis ela responde:

> Os textos eu também procurei manter o mais unidos possível, porque, um dia, acho que o pessoal da área de Letras vai saber separar esse material, ver o que já foi publicado. Às vezes a gente lê os livros do Rodrigo e reconhece, naqueles textos, muita coisa que já foi publicada — mas nem tudo foi. Foi feita uma seleção dentro desses mesmos textos. Existem casos em que o Rodrigo escrevia e repetia muito; às vezes, um único poema ele escrevia 10, 15 vezes. E dizia: “Ah, esse aqui ficou maravilhoso.” (Marilene Machado Leal Lourenço, 17/11/2025)

Percebe-se que a organização de Marilene é voltada para a preservação dos textos e da metodologia de Trabalho de Rodrigo de Haro, guardar rascunhos,

versões de manuscritos, salvaguardar estes documentos vão além da preservação do conteúdo dos poemas, mas de um modo de trabalhar.

Há uma tentativa de reunir objetos semelhantes em um único local, assim como os convites para exposições, convites para lançamentos de livros. Os manuscritos de textos inéditos ganham destaque, pois ainda podem ter uso. Já os desenhos da série "A alma *das ruas"*, podem ser comercializados, permanecem guardados junto com a moldura utilizada na exposição de 2004, no MASC. Algumas peças produzidas pela Editora Livros do Athanor também podem ter esse mesmo destino: gravuras e serigrafias são colocadas à venda para colecionadores que se aproximam de Idésio Leal e Marilene Machado Leal Lourenço.

Marilene também vem organizando aquilo que chamam de “Arquivo Pessoal de Idésio Leal”: textos produzidos por Rodrigo e direcionados a Idésio, como textos preparados para uso em folders de exposições e textos de apresentações de seus trabalhos. Estes documentos textuais têm ainda hoje uma utilidade para Idésio Leal, podemos perceber isso com a exposição recente de seus trabalhos no Espaço Oficinas, no Centro Integrado de Cultura – CIC, intitulada “Lírio Mitógrafo”.

Figura 10 – *Folder para a Exposição “Lírico Mitógrafo” de Idésio Leal e textos de Rodrigo de Haro, realizada em 13/05/25*



Fonte: Fundação Catarinense de Cultura, disponível em: FCC - Fundação Catarinense de Cultura - Exposição "Lírico Mitógrafo" - Idésio Leal, 2025

A mostra apresenta nove trabalhos de Idésio Leal, acompanhados de textos de Rodrigo de Haro datados de 2013, nos quais Rodrigo é apresentado como admirador e conhecedor da obra de Idésio, atuando, portanto, como seu crítico.

Documentos como estes no Arquivo Pessoal de Idésio Leal alcançam uma “topologia privilegiada” segundo, Derrida (2001)

> Em tal estatuto, os documentos, que não são sempre escritos discursivos, não são guardados e classificados no arquivo senão em virtude de uma **topologia privilegiada**. Habitam este lugar particular, este lugar de escolha onde **a lei** e a **singularidade** se cruzam no **privilégio**. No cruzamento do topológico e nomológico, do lugar e da lei, do suporte e da autoridade, uma cena de domiciliação torna-se, ao mesmo tempo, **visível e invisível.** (Derrida, 2001, p. VII, grifo nosso)

Alguns documentos recebem mais destaque, a partir de uma organização que privilegia, ressalta relações sociais, acabam por criar memórias. Obedecendo a um “princípio arcôntico do arquivo, é também um princípio de consignação, isto é, de reunião.” (Derrida, 2001, p.VIII). Dessa forma, todos esses documentos que fazem menção a Idésio foram reunidos em um único lugar, resultando na criação do “Arquivo Pessoal Idésio Leal”. Contudo, entendemos que esses documentos produzidos por Rodrigo de Haro, que tratam sobre Idésio, funcionam como elementos probatórios das atividades exercidas por Rodrigo, como escritor, parceiro de trabalho, amigo que compartilha a vida cotidiana e que atende a pedidos, como o de redigir apresentações sobre a trajetória e a produção de Idésio Leal.

Percebe-se, assim, um deslocamento ou cruzamento entre documentos do arquivo pessoal de Rodrigo de Haro e documentos relacionados a Idésio Leal. Nas caixas destinadas ao arquivo pessoal de Rodrigo, encontram-se desenhos e rascunhos feitos por Idésio e por seus filhos. Do mesmo modo, aparecem documentos relativos à contratação de serviços para a construção de mosaicos por Idésio e Rodrigo como parceiros de trabalho. Quando perguntamos sobre a organização do arquivo pessoal de Idésio Leal, se já existia antes da morte de Rodrigo ela responde:

> **Sempre existiu,** porque o Idésio é um artista que também precisa mandar currículo, mandar texto, então, ao longo da vida, o Rodrigo fazia isso para ele. E a gente ia… você sabe como o Rodrigo era: ele não gostava que mexessem nas coisas dele, lembra?! “Não mexe aqui na minha mesa, não tira nada daqui.” **Então eu sempre tive o cuidado, toda vez que o Idésio precisasse de um texto e eu fosse fuçar (vasculhar) nas coisas do Rodrigo.** Era quase um mundo sem fim. E também porque, às vezes, ele fazia — como ele mesmo dizia — “barata-voa”. “Ih, fiz barata-voa!”, lembra!? (Marilene Machado Leal Lourenço, 17/11/2025, grifo nosso)

Ela inicia a resposta afirmando que sempre existiu um arquivo pessoal de Idésio Leal, mas na mesma resposta afirma que vasculhava nas coisas de Rodrigo o

que dá a impressão de “as coisas” se misturavam. Isso sugere que nem sempre houve um Arquivo Pessoal de Idésio Leal estruturado especificamente em torno de seu fazer artístico. Mais adiante, ao falar da Editora Livros do Athanor, ela dá a entender que as questões burocráticas apareciam mais no arquivo de Idésio Leal: “Por exemplo, a Athanor era uma coisa completamente separada — vamos dizer assim — da pintura e dos textos do Rodrigo, porque havia a burocracia, a quantidade de catálogos… afinal, são dois artistas, né?” (Marilene Leal Lourenço, 17/11/2025). Deste modo, acreditamos que os documentos relacionados às questões mais administrativas estão no arquivo de Idésio, enquanto aqueles ligados aos processos criativos, sobretudo os relacionados à escrita, permanecem com Rodrigo.

Entendemos que, para que um arquivo pessoal exista, ele deve ser acumulado e produzido por seu titular, neste caso, Rodrigo de Haro. Esses textos e documentos, entretanto, foram produzidos para Idésio Leal, assim como há outros textos sobre outras pessoas, escritores que Rodrigo admirava, produzidos por Rodrigo, mas que igualmente se encontram reunidos em seu Acervo Pessoal. Assim, vemos nestes arquivos pessoais que não são apenas locais de guarda de conteúdo do passado; são também espaços que produzem informação a partir da lógica de organização das memórias ali acondicionadas nos documentos e que complementam um ao outro. A organização do conjunto documental que está inserido no Acervo Pessoal é um problema que será discutido em trabalhos futuros, assim como os cruzamentos com o arquivo de Idésio Leal.

Ao perguntarmos sobre o restante do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro armazenado sobre a guarda de Idésio Leal e Marilene Machado Leal Lourenço, ela afirma sobre o desejo de fazer um dia a Casa da Memória Rodrigo de Haro, pensando na própria casa como espaço museal, ao estilo museu-casa.

> Exatamente. Desse acervo, de uma futura casa da memória, poderia fazer parte a biblioteca, sim. Na verdade, a minha intenção seria essa. Mas, neste momento, olha… o meu ideal de projeto para a casa seria até sair da própria casa, para que ela pudesse ser visitada — que se usasse até a casa lá embaixo. (Marilene Machado Leal Lourenço, 17/11/2025, grifo nosso)

Como expresso por Marilene Machado Leal Lourenço, há o desejo de criar um espaço de memória para Rodrigo de Haro, e tanto ela quanto Idésio entendem que os objetos contam histórias; por isso, eles os guardam para que, um dia, recebam tratamento adequado. Esses objetos estão espalhados pela casa, em gavetas e

prateleiras, aguardando passar pelo processo de musealização que os transformará em documentos capazes de transportar informações. E neste sentido, apresentamos na próxima seção proposições de organização para o Acervo Pessoal Rodrigo de Haro.

4.2 Proposições de organização do acervo pessoal de Rodrigo de Haro

A proposta de organização das informações do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro fundamenta-se na compreensão de que conjuntos documentais de natureza pessoal apresentam grande diversidade de formatos, funções e contextos de produção. “As coleções pessoais também têm dimensões intangíveis, como memórias, valores sentimentais e práticos e emoções associadas a documentos e itens.” (Krtalić; Dinneen, 2024) Diante disso, optou-se por estruturar o acervo em oito (8) coleções, cada qual organizada segundo critérios que favorecem a recuperação e o entendimento das relações entre sujeito, objeto e trajetória de vida do artista.

Para isso, foram adotados critérios de autoria, data, função, formato, proveniência e tipologias documentais, permitindo a criação de conjuntos mais coerentes do ponto de vista informacional e histórico. Outra observação interessante trazida pelos pesquisadores Krtalić e Dinnen (2024) que investigaram como escritores e artistas gerenciam suas coleções, como percebem o valor delas e de que modo essa percepção influencia suas práticas de organização. A autopercepção do valor que suas coleções têm, orienta decisões, seleções, classificações e formas de acesso. Isso pode ser percebido hoje no caso de Idésio Leal.

O tratamento do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro foi, portanto, orientado pela inter-relação entre a Documentação Museológica e a Organização da Informação, como um facilitador do acesso à informação. A Documentação Museológica, ao sustentar a relação sujeito–espaço–objeto, permite compreender a transformação do objeto em documento, entendendo a documentação como processo de registro, análise e representação que garante a preservação e o acesso à informação. (Ferrez,1994; Ceravolo e Tálamo, 2000) Trata-se de um ato de seleção, classificação e ordenação física e simbólica, por meio do qual o objeto adquire a função de gerar conhecimento. (Ferrez 1994) Nesse processo, a documentação museológica pode atender a dois objetivos principais: o tratamento

físico do objeto, a descrição de sua materialidade e o tratamento informacional, que envolve a representação descritiva com a aplicação de linguagem controlada e a construção de instrumentos que permitam acesso e interpretação das informações. (Cerávolo e Tálamo, 2000)

Ao integrar esses princípios à proposta de organização do acervo, buscamos assegurar que os documentos de Rodrigo de Haro se transformem em fontes qualificadas de conhecimento, preservando a memória do artista e ampliando as possibilidades de pesquisa e compreensão de sua trajetória e do seu atual titular.

Com o intuito de apresentar o Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro, descrevemos a seguir sua composição, organizados em uma tabela. O acervo é formado por uma ampla variedade de tipologias documentais. 1) Documentos Pessoais (manuscritos, recortes de jornal, originais, desenhos autorais e outras obras de arte); 2) Coleção de Documentos Iconográficos (fotografias, postais, recortes de jornais de futebol, fotografias de cinema); 3) Biblioteca Pessoal; 4) Coleção de Objetos Tridimensionais; 5) Fundo Editora Livros do Athanor; 6) Coleção de Documentos Audiovisuais; 7) Coleção de Vestimentas e Acessórios e 8) Coleção de objetos de Trabalho.

Tabela de Descrição das Coleções Documentais e Fundo[35] Editora Livros do Athanor

Coleção e Fundo	Tipologias Documentais	Critérios Aplicados: Autoria/Data/Função/Suporte/Proveniência/Tipologias)
Coleção 1 - Documentos Pessoais	Manuscritos, recortes de jornal com matérias (varios temas: politica, artes, cinema, literatura e poesia e sua poesia publicada em jornais), originais, desenhos autorais, projetos, diários, cadernos, livros autorais, livros de outros autores, cartas, catálogos e convites de exposições, postais e obras de arte,	documentos de autoria de Rodrigo de Haro e outras pessoas e entidades; Data (organização cronológica quando possível), Função (sociabilidade, exercício de criatividade, reflexões íntimas, planos de trabalho visuais ou poéticos/literários, temas de interesses de RH), Suporte (diversos

[35]Segundo a NOBRADE, o Fundo é o conjunto de documentos de uma mesma proveniência.

	fotografias familiares, exposições, experimentos artísticos	suportes/materiais), Proveniência (pessoal /e outros).
Coleção 2 - Documentos Iconográficos	Fotografias de pessoas (para realização de retratos), fotografias de cinema, postais, recortes de jornais somente as imagens (esportes). Trabalhos visuais de outras autorias. cartões com reproduções de obras de arte de artistas apreciados por Rodrigo de Haro	documentos de autoria de Rodrigo e outros autores; Data (organização cronológica quando possível), Função (memória visual e ferramentas de trabalho), Suporte (diversos suportes/materiais), Proveniência (Acervo Pessoal/ e outros),
Coleção 3 - Biblioteca Pessoal	Livros de vários autores, periódicos, revistas que abrangem temas de seu interesse: história, artes visuais, cinema, religião, filosofia, biografias e poesia	Autoria (de sua autoria e outros autores), Data (data de aquisição quando possível ou publicação), Função (intelectual, pesquisas para trabalho e lazer), Suporte (livros impressos), Proveniência (Acervo Pessoal).
Coleção 4 - Objetos Tridimensionais	Objetos artísticos/espaço, objetos decorativos também utilizados para construir composições visuais para seus quadros e desenhos.	Autoria (vários autores), Data (quando possível identificar), Função (ferramenta de criação/composição, decoração), Suporte (diversos suportes/materiais), Proveniência (Acervo Pessoal/e outros)
Fundo 5 - Editora Livros do Athanor	Livros, cartazes, convites, álbuns de desenhos, provas/testes, correspondências, chancela com logo da editora criada por Rodrigo e demais documentos produzidos pela Editora Livros do Athanor.	Autoria (Editora Livros do Athanor), Data (organizada por publicação), Função (profissional), Suportes (papel) , Proveniência (Acervo Pessoal/fundo Athanor)

Coleção 6 - Audiovisuais	Conjunto de Filmes, gravações caseiras de imagens de eventos realizados em sua casa, Discos de vinil e Cds de música.	Autoria (vários autores), Data (quando possível), Função (lazer e estudo), Suportes (analógico/digital), Proveniência (Acervo Pessoal)
Coleção 7 - Vestimentas e Acessórios	Roupas, acessórios pessoais, sapatos.	Autoria (sua autoria e vários autores), Data (quandopossível), Função (vestir, construir uma identidade artistica), Formato (têxtil), Proveniência (Acervo Pessoal)
Coleção 8 Objetos de Trabalho	Pincéis, lápis, cavaletes, ferramentas de trabalho	Autoria (varios autores), Data (quando possivel), Função (trabalho), Suportes (diversos), Proveniência (Acervo Pessoal),

Fonte: tabela elaborado pela autora

Escolhemos organizar os objetos por coleções, pois entendemos que coleção é a reunião de objetos de naturezas semelhantes, de natureza material e imaterial, com a intenção de servir de estudos, após passarem por processos de classificação e seleção, visando comunicar suas informações a um público. (Pomian 1984, Desvallées e Mairessse, 2014). E segundo Loureiro e Loureiro, (2013, p.7) a coleção cumpre três funções sendo a primeira a conservação, a segunda função relacionada ao acesso e a terceira função relaciona-se “identificação e descoberta". e a construção de sentidos.

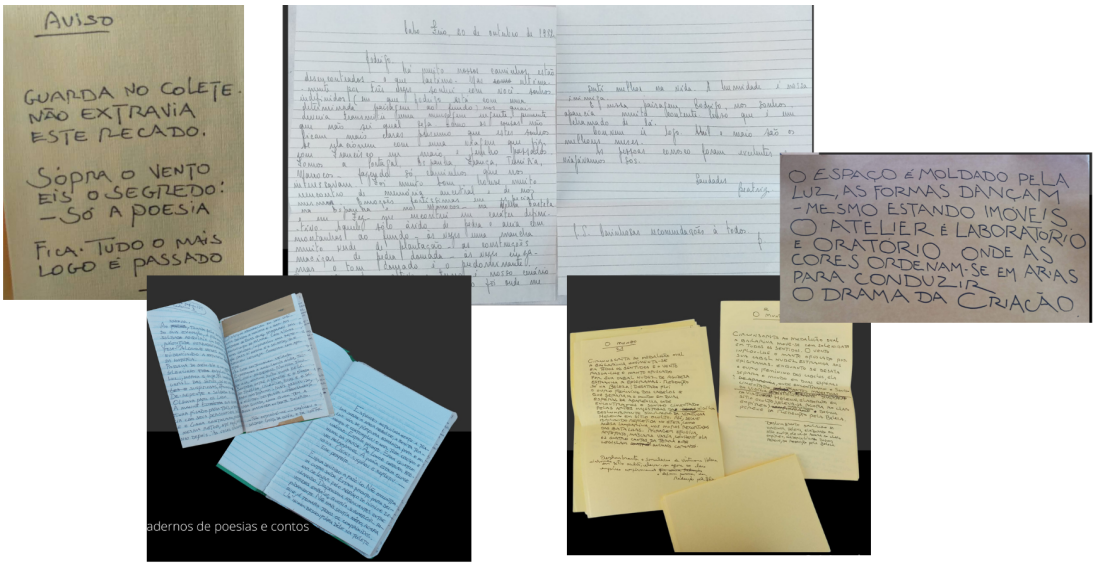
E, neste caso, por tratar-se de um Acervo Pessoal, ele reúne documentos associados a “dimensões intangíveis”: sentimentos, emoções e valores sociais.

Iniciamos com o Arquivo Pessoal que é formado por documentos textuais como mostra a figura 11 e 12, nele estão inseridos os cadernos (139 itens), Agendas Pessoais, Manuscritos Originais de Livros publicados e inéditos; pilhas de rascunhos; cartas recebidas de amigos, galerias e editoras; Contratos de trabalho; projetos, textos digitalizados e datilografados. Das obras aqui reunidas algumas participaram de exposições como a série de desenhos em miniaturas “Alma das

Ruas” e outras obras são somente testemunhos de exercícios cotidianos de criação, desenhos feitos em blocos de anotações. Há também fotografias de experimentações artísticas, registros de exposições.

O agrupamento destes documentos se dá pelo próprio conceito de Arquivo Pessoal, que é o acúmulo de documentos de natureza diversa reunidos em função de suas atividades profissionais e pessoais. Os documentos representam eventos, relações sociais e a identidade do indivíduo. (Camargo, 2009; Mckemmish,2018)

Figura 11 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Manuscritos, cadernos e pequenas anotações.

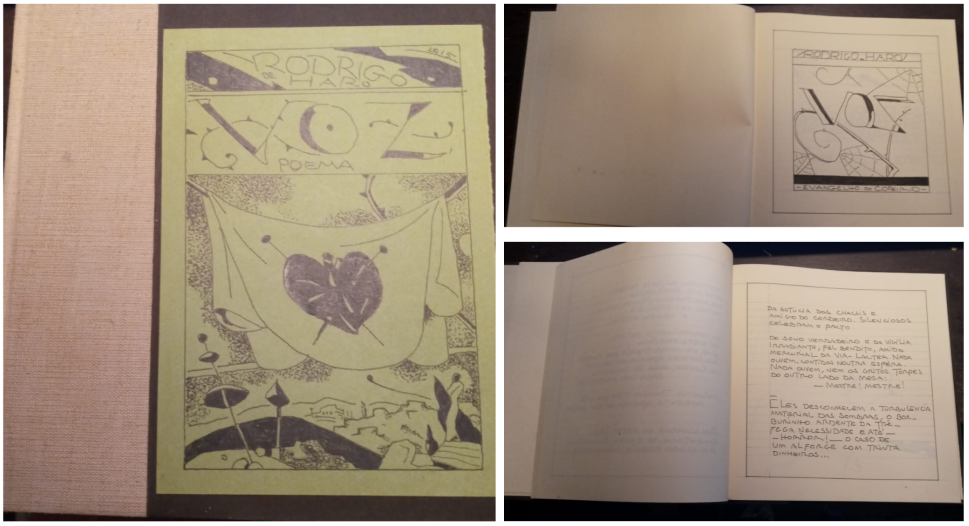


Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

Faz parte do Arquivo Pessoal o conjunto de cadernos que começou a ser formada por Rodrigo de Haro por volta de 2008, talvez antes, sendo avesso a digitação, decidiu escrever à mão os cadernos. A ideia surgiu quando ele em uma das idas à papelaria Paper Moon situada na Lagoa da Conceição, lá encontra exemplares de cadernos artesanais e compra caixas deles para a elaboração deste projeto. No início eram 5 cadernos manuscritos e ilustrados a mão com caneta nanquim preta, depois a ideia cresceu e a partir de conversas com amigos poetas, almejava fazer um lançamento destas obras, planejava fazer uma espécie de instalação com cerca de 50 cadernos expostos, este número ultrapassou o almejado

e chegou a 64 volumes.[36] Fora esses apresentados aqui, Rodrigo também reuniu dezenas de outros cadernos com objetivos diferentes, anotações de livros que estava lendo, anotações pessoais e de trabalho.

Figura 12 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Montagem com fotografias dos cadernos artesanais de Rodrigo de Haro - Poema Voz, capa, folha de rosto e páginas internas. 2015



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

Logo abaixo na figura 13 apresentamos 3 registros de exposições diferentes de Rodrigo de Haro, da esquerda para direita Rodrigo está acompanhado de Julia Moellmann ex-cunhada e seu sobrinho Diogo Moellmann de Haro, na segunda fotografia aparece acompanhado de Beto Stodieck e Lena Costa e a fotografia no centro, abaixo, Rodrigo aparece entre dois quadros acompanhado por pessoas não identificadas.

[36]A coleção de 64 cadernos artesanais é composta dos seguintes títulos: Poema Voz, Ofícios Secretos, Tarot Catarina, Lírico mitográfico, homenagem a Idésio Leal, Área para Pandeiro e Sombra, Grande Arcano Catarina, Natan Lopez Luna, Brasão das ruas, Estampas de Algibeira, Livro dos Naufrágios de Desterro, Lanterna Mágica, Idílios Vagabundos, Camafeus dos poetas e outros recitais, Recitais, Divan (sic) de poesia (Porta, Ornitorrinco, Idílios Vagabundos, Voz, Ofícios secretos, Lanterna Mágica), Ornitorrinco, Vigílias do ornitorrinco, Bruxa, Antologia e Naufrágios. Muitos dos títulos aqui mencionados se repetem, mas com acréscimos e mudanças tanto na ilustração como nos textos e poemas, tornando cada caderno uma peça única da coleção. Este conjunto documental de 64 cadernos foi organizado por Rodrigo de Haro quando trabalhava na criação dos poemas.

Figura 13 -Coleção 1 Documentos Pessoais - Fotografia de Registro de Exposições



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

Fazem parte do Acervo Pessoal de fotografias tiradas no âmbito doméstico como as fotografias de seus afilhados, sobrinha-neta e sua mãe Maria Palma. Fotografias da infância, da família em frente a casa de seus pais em Paris, usufruindo do prêmio de viagem ao exterior. Esses registros fotográficos contemplam, guardam registros de memórias vividas no âmbito privado.

Figura 14 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Fotografias de âmbito privado.



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

Seguimos para a seleção de Desenhos Miniaturas de Rodrigo de Haro na figura 15, guardados em álbum de fotografias, todos representam uma série intitulada “Na minha terra é o Haschixe”, um retrato de Sofia, filha de Idésio Leal, e dois desenhos miniaturas o rosto de uma figura feminina e uma figura masculina deitada.

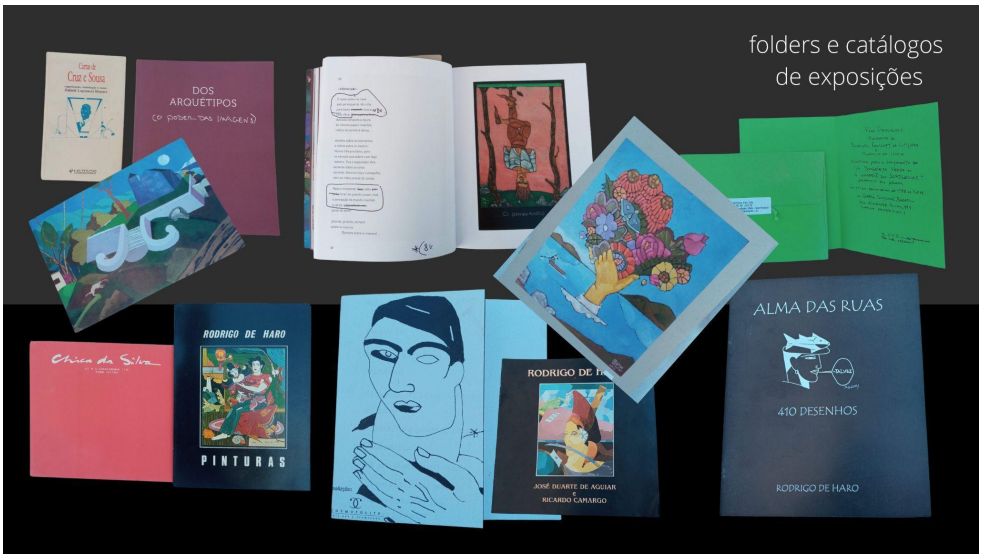
Figura 15 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Desenhos em miniatura.



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

Neste conjunto documental na figura 16, apresentamos documentos relativos ao seu trabalho como Artista Visual, exibimos: folders, convites e catálogos de exposições e eventos artísticos em que Rodrigo participou, como exposições individuais e coletivas.

Figura 16 - Coleção 1 Documentos Pessoais - Folders, catálogos e convites de exposições



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

O segundo conjunto documental é a Coleção número 2, de Documentos Iconográficos, neste conjunto estão as fotografias, postais acumulados e recebidos por Rodrigo, recortes de jornais de futebol e fotografias de atrizes de cinema, fotografias de pessoas que fazem pedido de retratos. Também estão reunidos aqui convites e folders relativos a eventos artísticos em que não participou, mas fora convidado enquanto público. Os recortes de jornal abrangem matérias de assuntos de seu interesse: cinema, cenário artístico brasileiro, política e imagens de jogadores em partidas de futebol, como mostra a figura 16. Ao lado dos recortes de jornais está a fotografia de Elaine Volter, enviada para Rodrigo para servir de referência para um retrato.

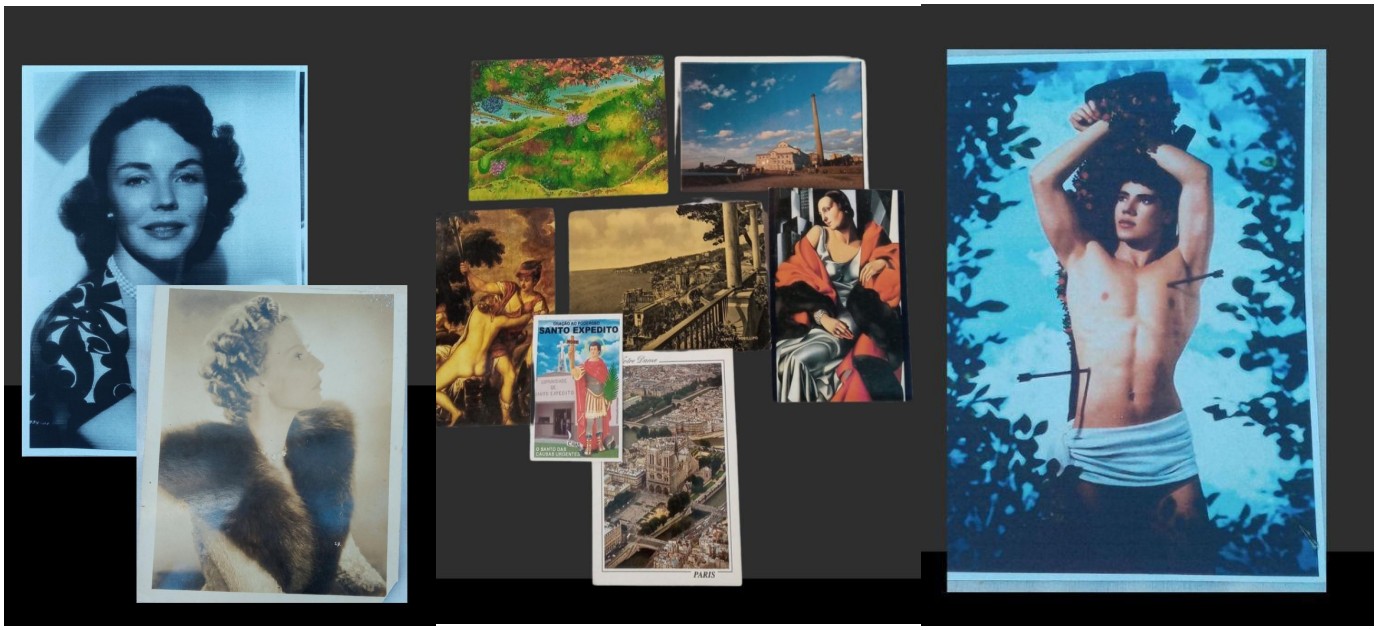
Figura 17 - *Coleção 2 Documentos Iconográficos com recortes de jornal e fotografia de Elaine Volter.*



Fonte: Registro da autora, 2025.

A figura 17 apresenta fotografias de atrizes de cinema Jennifer Jones e outra é uma atriz francesa, provavelmente Arletty. Também exibimos um pequeno conjunto de postais com imagens de obras de arte, como o quadro de Tamara de Lempicka e paisagens urbanas de lugares pelo mundo que recebia de amigos que viajavam ou ele mesmo comprava para colecionar. Um Santinho de Santo Expedito e Representações de São Sebastião, na imagem apresentamos uma fotografia dos artistas Pierre e Gilles de São Sebastião, de 1987.

Figura 18 - Coleção 2 Documentos Iconográficos com imagens de postais, santinhos de igreja, fotografias das atrizes de cinema e uma representação de santos, (São Sebastião).



Fonte: Registro da autora, 2025.

A Coleção número 3, Biblioteca Pessoal, é formada pela maior parte do acervo, é formada por livros de arte, de esoterismo, de poesia, de filosofia, hagiografias e exemplares com dedicatórias e, também livros autorais e exemplares de livros em que foi ilustrador. Rodrigo tinha uma preocupação com seus livros de poesia, os organizando por autores e por vezes por nação. Logo abaixo uma montagem fotográfica da sua biblioteca, como se encontra hoje. Nesta Coleção, segundo Marilene procurar-se manter a ordem que Rodrigo gostava de deixar os livros organizados com atenção aos poemas e contos e a ala dos místicos como ele se referia.

Figura 19 - Coleção 3 Biblioteca Pessoal, montagem com fotografia



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

A coleção 4 é formada por Objetos Tridimensionais, bonecas de porcelana, louças de Vista Alegre, antigos frascos de perfume, estojos de maquiagem em madrepérola, objetos decorativos que vão desde pesos de papel até estátuas e estatuetas. Os documentos que integram esta coleção podem ser vistos na figura 19, sendo que, alguns destes objetos eram utilizados para compor as imagens que iriam habitar as telas de suas obras e composições fotografias.

Figura 20 - Coleção 4 Objetos tridimensionais colecionados por Rodrigo de Haro



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

O Fundo numero 5, Editora Livros do Athanor é composto por materiais produzidos na Editora Livros do Athanor: livros artesanais, serigrafias, cartazes, folder e convites e outros documentos que se relacione com a editora como recortes de jornais sobre lançamentos de livros da editora e documentos de outras naturezas. Esta editora funcionou na década de 1990 e foi fundada por Rodrigo de Haro, Idésio Leal e Eduardo Moreira, ela funcionou na Lagoa da Conceição em uma casa de madeira na propriedade de Rodrigo. Idésio e Eduardo trabalhavam diretamente com as serigrafias, fazendo as impressões. Rodrigo trabalhava realizando os projetos editoriais, as ilustrações e selecionando os escritores que publicaram na editora.

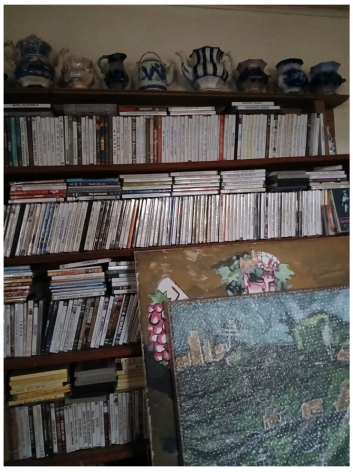
Figura 21 - Fundo 5 Editora Livros do Athanor - Livros editados pela Editora Athanor



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

A coleção número 6 é formada por Documentos Audiovisuais como filmagens caseiras em ocasiões de festas e eventos realizados em sua casa, sua coleção de filmes em DVDs e alguns em VHS (cinemateca), há também CDs de música, que podem ser vistas em prateleiras na imagem da figura 21 e coleções de vinil também complementam a coleção de documentos audiovisuais. Na imagem podemos observar também um conjunto de vasos de cerâmicas e obras de artes apoiadas nas prateleiras. As caixas que aparecem nas imagens fazem parte dos conjuntos de documentos textuais referentes ao Arquivo Pessoal de Rodrigo de Haro, os documentos formam um conjunto de cerca de 39 caixas.

Figura 22 - Coleção 6 Audiovisual, fotografia com videoteca e obras de arte de Rodrigo e Idésio



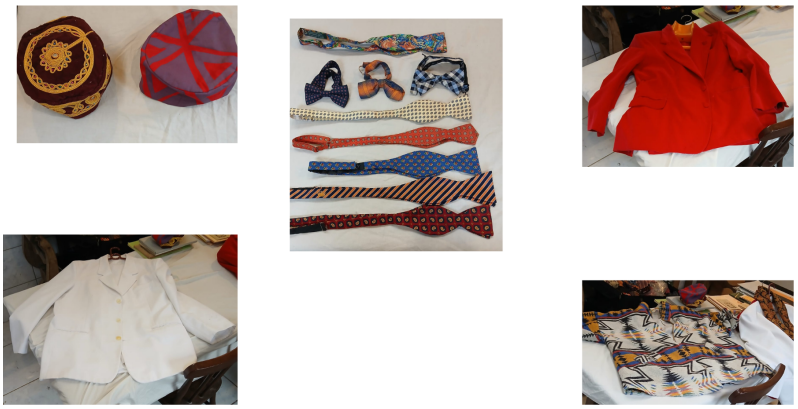




Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

A coleção número 7 é formada por Vestimentas e Acessórios Pessoais - ternos, gravatas, chapéus e bengalas usadas por Rodrigo de Haro, grupo de documentos e utensílios pessoais. Peças como estas são muito utilizadas em exposições de longa duração em Museus Biográficos ou Museus-Casa que contam sobre a vida de pessoas, pois objetos como estes carregam memórias afetivas e a sensação de uma “presença ausente”, conceito de Stallybrass (2013) para determinar as roupas como marcadores da presença de entes queridos. E, portanto, se transformar em fortes elementos na construção de narrativas expográficas.

Figura 23 - Coleção 7 Vestimentos e Acessórios, Roupas, gravatas, ternos



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

A coleção número 8, Objetos de Trabalho, é o menor conjunto documental de peças, é formada pelos Objetos de Trabalho: objetos de ateliê e materiais de escrita, pincéis, lápis, canetas, tintas e ferramentas. A figura 24 retrata o ateliê de Rodrigo de Haro montado no espaço em que hoje se encontra a biblioteca do artista. Em tempos e tempos o ateliê mudava de lugar em casa, devido às demandas de trabalhos ou motivado por desejos de mudanças espaciais. Na imagem vemos uma mesa repleta de materiais, cavalete e telas, além de um pano grande pendurado na parede.

Figura 24 - Coleção 8 Objetos de trabalho Fotografia do Ateliê de Rodrigo de Haro com imagens de seus materiais de trabalho



Fonte: Registro fotográfico da autora, 2025.

O Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro aqui apresentado revela a amplitude de sua produção artística e intelectual, bem como aspectos de sua trajetória como criador e de sua vida pessoal, marcada pela escolha de constituir uma família mesmo sem ter se casado. Cada grupo documental, ao seu modo, contribui para a compreensão das múltiplas dimensões de sua vida: o artista, o poeta, o editor, o colecionador, o amigo. O conjunto, ao reunir documentos de natureza tão diversa, expressa um modo singular de organização da memória a ser remontado à medida do possível e constitui um testemunho material da prática artística e do pensamento de Rodrigo de Haro. Este acervo configura-se como uma importante fonte de pesquisa para futuras investigações sobre sua obra e sobre a arte catarinense do século XX à espera de ser organizada, pois o ato de organizar nos permite conhecer melhor o objeto ao mesmo tempo que facilita o acesso a eles (Café; Sales, 2010).

Na Museologia, a concepção de Documento embasa o desenvolvimento da disciplina Documentação Museológica, entendida como o conjunto de procedimentos que transforma “objetos”, “coisas” em documentos ao construir ferramentas de representação deles, considerando suas dimensões informacionais, culturais e simbólicas. (Ferrez,1994) A documentação museológica, portanto, não se limita ao registro técnico, mas envolve processos de análise, representação e

contextualização que garantem a preservação da memória e o acesso à informação e construção do conhecimento, conforme ressaltam Bottallo (2010), Ferrez (1994) e Cerávolo e Tálamo (2000).

A proposta de organização apresentada até aqui evidencia que a coleção se caracteriza pela reunião intencional de objetos semelhantes, destinados ao estudo e à pesquisa. Trata-se de um conjunto formado por objetos de natureza material e imaterial, reunidos com o objetivo de comunicar determinado conhecimento aos públicos. Esses objetos adquirem valor simbólico após um processo de deslocamento do contexto original que os produziu, passando a existir em um espaço museal (POMIAN, 1984; DESVALLÉES; MAIRESSE, 2014).

Enquanto o arquivo pessoal diz respeito ao acúmulo de documentos em diversos suportes, produzidos por alguém no exercício de suas atividades e dotados de função probatória dessas ações e da própria existência do sujeito, tais documentos, ou o acúmulo, representam funções, eventos e fatos vivenciados por essa pessoa. Assim, a manutenção desses registros no contexto do arquivo pessoal pode ser compreendida como uma forma de testemunho, sustentando narrativas sobre a vida do indivíduo. Cartas, diários e anotações íntimas evidenciam interações sociais e configuram um sistema de manutenção de registros caracterizado pelo colecionamento de memórias (Mckemmish, 2018; Camargo, 2009).

Já o acervo, por sua vez, abrange e integra diferentes conjuntos, coleções, arquivos e outros objetos, reunidos ao longo da existência de uma pessoa ou instituição. Rocha (2022) observa que os termos *acervo* e *coleção* são frequentemente utilizados de forma indevida, embora não apresente uma definição precisa para *acervo*. Diante disso, e com base nos conceitos discutidos até aqui, adotamos a compreensão de que o acervo, sobretudo quando qualificado como *Acervo Pessoal*, corresponde ao conjunto que acolhe e integra coleções e arquivos reunidos por uma pessoa ou entidade em função de suas atividades, trajetória e missão institucional, tendo como finalidade a memória, o estudo, a preservação e, também, o prazer estético (Rocha, 2022; Camargo, 2009; Desvallées; Mairesse, 2014; Pomian, 1984).

Os Sistema de Organização do Conhecimento cumprem um importante papel neste processo de organização do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro. Sendo que uma das aplicações da organização do conhecimento é a “correlação ou

mapeamento de unidades desse sistema conceitual com objetos da realidade" (Dahlberg, 2006, P.12 apud Brascher e Carlan, 2010, p. 149).

Deste modo, organizamos os documentos em Coleções orientadas pelos conceitos estudados e os organizando dentro de um sistema.

> Na elaboração de SOCs, o principal objeto de trabalho são os conceitos e não a expressão usada para referir a eles (os termos, os códigos, fórmulas ou símbolos que representam). O SKOS denomina essas expressões de rótulos ou **etiquetas** (labels), os quais constituem **elementos dos SOCs** usados para fazer referência aos conceitos." (Brascher e Carlan, 2010, p.155, grifos das autoras)

Em Brascher e Carlan (2010), etiquetas, rótulos são compreendidos como elementos de um sistema de organização do conhecimento, pois expressam conceitos, entendidos como unidades de pensamento que permitem agrupar, distinguir e relacionar informações. Nesse sentido, neste trabalho, a denominação atribuída a cada coleção ou arquivo funciona como um rótulo conceitual, que organiza os objetos a partir dos significados, funções e relações que mantêm entre si. Assim, cada nome de coleção ou arquivo representa um conceito agregador que orienta o agrupamento dos documentos.

A relação entre as diferentes coleções e o arquivo reside no fato de que todos esses conjuntos pertenceram a Rodrigo de Haro, compartilhando, portanto, uma origem comum que os vincula como parte de um todo, o Acervo Pessoal.

Em síntese, a organização do Acervo Pessoal de Rodrigo de Haro buscou articular os princípios da documentação museológica e da organização da informação para dar forma, sentido e visando acesso de informações a um conjunto documental bastante heterogêneo e ligado à vida e à criação do artista. Ao estruturar o acervo em arquivo pessoal e coleções, procuramos evidenciar as relações entre os documentos, suas funções, permitindo que cada objeto: do manuscrito ao objeto tridimensional, do registro íntimo às obras da Editora Athanor, atue como suporte de memórias e informações para gerar novos conhecimentos.

Este acervo é considerado por nós como um território vivo, espaço de construções de memórias, (Meneses 1998; Le Goff, 1984~; Derrida, 1995) aberto a interpretações, pesquisas e usos, com objetivo de preservar a complexidade das trajetória de Rodrigo de Haro e Idésio Leal garantindo que suas camadas de vida, arte e afeto possam continuar sendo acessadas, estudadas e reinterpretadas pelas gerações que se interessarem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu do princípio de que os Acervos Pessoais constituem importantes fontes de informação sobre sujeitos históricos, sociedades e épocas, e que seu valor informacional não se limita ao titular que os acumulou.

Dessa forma, ao longo do trabalho, buscou-se demonstrar que o Acervo não se constitui apenas de objetos materiais, mas de um conjunto de evidências que expressam trajetórias, práticas artísticas, relações afetivas e modos de existência socialmente inscritos. Nesse sentido, os documentos reunidos no acervo evidenciam não apenas a produção criativa de Rodrigo de Haro, mas também o universo simbólico partilhado com Idésio Leal, cuja trajetória se entrecruza com a dele e contribui para a compreensão da formação e circulação desses registros.

Este trabalho também reconhece que poderia ter se aprofundado mais na concepção do acervo como espaço de construção de narrativas, de memórias e de preservação de valores simbólicos e culturais e intangíveis. Ainda que tais dimensões tenham sido indicadas e consideradas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, o objetivo central foi identificar formas de organizar a informação, de modo a possibilitar, futuramente, um aprofundamento dessas outras dimensões aqui apresentadas.

A metodologia combinou pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e aplicação do método da pesquisa oral, o que possibilitou compreender não apenas a materialidade das peças, mas os contextos de guarda, uso e preservação que caracterizam sua permanência até o presente. Assim, a pesquisa evidenciou a importância de integrar fontes orais e escritas no processo de documentação museológica.

A análise do acervo demonstrou a diversidade tipológica dos objetos: manuscritos, fotografias, obras gráficas, correspondências, recortes, impressos e registros iconográficos, revelando também sua heterogeneidade enquanto conjunto documental. Essa pluralidade reforça a necessidade de abordá-lo a partir de critérios que articulem diferentes níveis de informação: material, cultural e simbólico. As contribuições de autores como Le Goff (1984), Chagas (1994) e Meneses (1998) foram fundamentais para reafirmar a compreensão do documento como construção

social, mediadora entre sujeito, objeto e realidade histórica. Essa perspectiva permitiu considerar os documentos não como meros vestígios, mas como elementos ativos na construção da memória e da identidade artística de Rodrigo de Haro.

A articulação do conceito de Documento, base dos princípios e procedimentos técnicos da Documentação Museológica e Organização do Conhecimento, especialmente a partir da proposta de Cerávolo e Tálamo (2000), Ferrez (1994), Brascher, Carlan e Café (2010) mostrou-se essencial para propor um modelo de organização que considere tanto as propriedades físicas quanto as dimensões semânticas dos objetos organizados em coleções, dentro de um sistema.

Quanto aos objetivos da pesquisa, foi possível: apresentar as trajetórias artístico-profissionais de Rodrigo de Haro e Idésio Leal, para melhor compreensão na formação do acervo; analisar os critérios de guarda existentes, observando formas de acesso. Para, deste modo, propor uma nova estrutura de organização baseada na noção de documento e na integração entre Museologia e CI. Ao organizar conjuntos documentais em coleções coerentes com seus conceitos e contexto. A análise dos critérios atuais revelou práticas intuitivas de guarda hoje em dia, baseadas em afinidades temáticas e memórias afetivas, mas sem um sistema estruturado de classificação e descrição.

Assim, a proposta apresentada busca oferecer fundamentos para a organização do acervo, com a intenção de preservar, quanto facilitar o acesso às informações neles contidas. Reconhecemos que ainda há muito a ser realizado, especialmente no que se refere aos procedimentos de catalogação, à elaboração de inventários e às diversas escolhas necessárias no nível da documentação dos objetos. Este estudo tem, portanto, um caráter preliminar e exploratório, permanecendo aberto a ajustes e reformulações, na medida em que novos conhecimentos e informações surgem e permitem sua reconstrução. Reconhecendo também o caráter cíclico da Documentação Museológica.

Conclui-se que a integração entre Documentação Museológica e Organização da Informação oferece instrumentos teóricos e metodológicos para lidar com acervos pessoais. O conceito de documento como testemunho mostrou-se central para orientar a leitura e o tratamento dos objetos, permitindo compreender o acervo como expressão da vida e das práticas sociais do sujeito. A aplicação desse conceito à organização do acervo de Rodrigo de Haro evidencia que todo objeto,

independentemente de seu suporte, possui potencial informacional e comunicativo, sendo capaz de revelar aspectos significativos da existência humana.

A proposta de organização apresentada não pretende ser uma solução definitiva, mas um ponto de partida para que novos olhares, técnicas e interpretações possam aprofundar o conhecimento sobre a organização de acervos pessoais na Museologia, esse conjunto documental que testemunha a vida e a arte de sujeitos e sociedades.

REFERÊNCIAS

ANTELO, Raul. Rodrigo de Haro: breve biografia. In: HARO, Rodrigo de (Org.). Rodrigo de Haro e a ópera do mundo. 1. ed. Florianópolis, SC: Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação, 2024. p. 202-203.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística.* Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BOTTALLO, Marilúcia. Parte II – Diretrizes. In: SÃO PAULO (Estado); SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA; ACAM PORTINARIA. Documentação e Conservação de acervos museológicos: diretrizes. Brodowski, SP: ACAM Portinari / Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010. p. 47-53.

BRASCHER, Marisa; CARLAN, Eliana. Sistemas de organização do conhecimento: antigas e novas linguagens. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (Orgs.). Passeios pelo bosque da informação: estudos sobre representação e organização da informação e do conhecimento. Brasília, DF: IBICT, 2010. p. 147-176.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, n. 2, p. 17-24, jul./dez. 2009. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf. Acesso em: 17 jul. 2025.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Orientação para gestão e planejamento de museus. Florianópolis: FCC, 2014. 94 p.; il. (Coleção Estudos Museológicos, v. 3).

CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan./abr. 2007. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360. Acesso em: 20 de out. de 2025

CASTRO, Ana Lúcia Saianes de. Estrutura informacional museológica: uma proposta. In: O museu: do sagrado ao segredo: uma abordagem sobre a informação museológica e a comunicação. 2007. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2007. p. 104- 118

CASTRO, Ana Lúcia Saianes de. Informação Museológica: uma estrutura de conhecimento. In: O museu: do sagrado ao segredo: uma abordagem sobre a informação museológica e a comunicação. 2007. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2007. p. 94-104

CHAGAS, M. D. S. EM BUSCA DO DOCUMENTO PERDIDO: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 2, n. 2, 1994. Disponível em: https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/534. Acesso em: 15 de jul. de 2025

COHN, Sérgio. Entrevista - A Implacável Poesia. In: *Revista Azougue, 10 anos.* (Org.) Sérgio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004. 448 p. p. 295-317.

DE LUCA, Tânia Regina. Documentos da certeza da construção. In: Práticas de pesquisa em história. 1. ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2021. 144 p. (coleção História na Universidade). p. 33-46.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de museologia. Tradução: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Fundação Catarinense de Cultura – FCC, 2014.

DI MAMBRO, Galba Ribeiro. Glossário Básico de Arquivologia. Universidade Federal de Juiz de Fora. Reitoria. Arquivo Central. P. 02-27 Disponível em: Microsoft Word - ac_glossa_130520.doc

FERREZ, Helena D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: IPHAN. Estudos Museológicos. Rio de Janeiro, 1994. (Cadernos de Ensaios 2).

HARO, Rodrigo de. Dos Arquétipos: o poder das imagens. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte / Helena Fretta Galeria de Arte, 2016.

HARO, Rodrigo de. Tarot Pedra Branca. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte / Helena Fretta Publicações, 2017.

HEMEROTECA CATARINENSE. Coleção Jornal O Estado. [Referência de fonte/coleção, sem todos os dados bibliográficos completos].

HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL. [Referência de fonte digital, sem dados formais de autoria, data, etc].

HOBBS, Catherine. O caráter dos arquivos pessoais: reflexões sobre o valor dos documentos de indivíduos. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). Pensar os arquivos: uma antologia. Tradução de Luiz Alberto Monjardim Calazans Barradas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 261-274.

KRTALIĆ, Maja; DINNEEN, Jesse David. Information in the personal collections of writers and artists: practices, challenges and preservation. *Journal of Information Science*, v. 50, n. 1, p. 189-203, 2022. DOI: 10.1177/01655515221084613. Disponivel em: Information in the personal collections of writers and artists: Practices, challenges and preservation - Maja Krtalić, Jesse David Dinneen, 2024

LADKIN, Nicola. Gestão do acervo. In: BOYLAN, Patrick J. (ed) Como gerir um museu: manual prático. França: ICOM, 2004. p.17-32.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: Enciclopédia Einaudi. Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 1, p. 95-106, 1984.

LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares.* vol. 1, 2013. 11p.

MCKEMMISH, Sue. Provas de mim... In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia (org.). Pensar os arquivos: uma antologia. Tradução de Luiz Alberto Monjardim Calazans Barradas. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 239-259.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-103, 1998.

MORAES. Margarete. REIS, Suellen. DOMINGOS, Kenany. CLÍNICA DOS POBRES: reflexões sobre o conceito de documento arquivístico. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA - CNA, 7., 2016, Fortaleza. Anais eletrônicos Revista Analisando em Ciência da Informação - RACIn, João Pessoa, v. 4, n. especial, p. 666-684, out. 2016. Disponível em: racin_v4_nesp_artigo_0666-0684

OLINDA-MARIA MACHADO CARNEIRO. A Chama Ardente (Estudo da poesia de Rodrigo de Haro). 1995. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

OLIVEIRA BRUNO, Maria Cristina. Museologia: entre abandono e destino. *Museologia & Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 9, n. 17, p. 19-28, jan./jul. 2020. https://doi.org/10.26512/museologia.v9i17.31590. Portal de Periódicos da UnB+1

PADILHA, Renata Cardozo. Documentação museológica e gestão de acervo. Florianópolis: FCC, 2014. 71 p.; il. (Coleção Estudos Museológicos, v. 2).

PEREIRA CARLINI, Larissa; RIBAS BARBIERO, Danilo. Estudo sobre as características do termo “acervo” na Norma Brasileira de Descrição Arquivística. ÁGORA: Arquivologia em debate, *[S. l.]*, v. 33, n. 66, p. 1–18, 2023. Disponível em: https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/1172. Acesso em: 12 fev. 2026.

POMIAN, Krzysztof. Colecção. In: Enciclopédia Einaudi. Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v. 1, p. 51-86, 1984.

ROCHA, Ana Karina Calmon de Oliveira. Documentação Museográfica, Documentação Museológica e Documentação em Museus: uma reflexão para discutirmos o uso de termos a partir de conceitos. In: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. 2022 p. 201-219

SAMPAIO, Débora Adriano. e OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. Memória, museus e ciência da informação: Uma perspectiva interdisciplinar. in: BIBLIOS. N. 52 (2013). Dísponivel em: Memória, museus e ciência da informação:

SOUZA, Rosali Fernandez de. Thesaurus como linguagem de representação em informação. In: GRANATO, Marcus; PENHA DOS SANTOS, Claudia; LOUREIRO, Maria Lúcia N. M. (Orgs.). Documentação em Museus / Museu de Astronomia e Ciências Afins – organização de: Marcus Granato, Claudia Penha dos Santos e Maria Lúcia N. M. Loureiro. Rio de Janeiro: MAST, 2008. p. 115-126.

SILVEIRA, João Paulo Borges da. Escritas de si e memória social: o arquivo pessoal de Coriolano Benício. ÁGORA: Arquivologia em debate, *[S. l.]*, v. 23, n. 47, p. 140–161, 2013. Disponível em: https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/458. Acesso em: 12 fev. 2026.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória e dor. In: O casaco de Marx: roupas, memória, dor. 5ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.